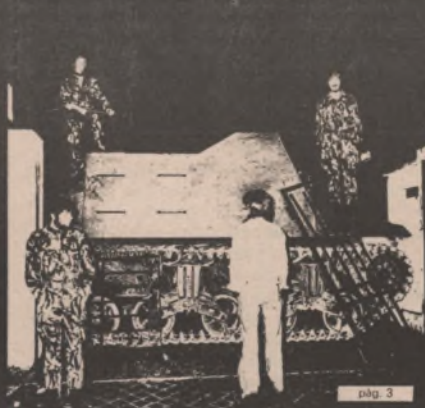


Revolução

REVOLUÇÃO SOCIALISTA

EXPROPRIAÇÕES
GESTÃO COLECTIVA
PLANIFICAÇÃO
DESENVOLVIMENTO



PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

QUEM JOGA COM O POVO?

CAMARADAS:

Sou um revolucionário "recente". É doloroso, admitir mas é a verdade. Quando digo "recente", refiro-me à minha realização como revolucionário, visto que, como a maior parte dos portugueses só há muito pouco tempo me foi facilitada a compreensão do termo.

Como sei que perguntando às pessoas directamente interessadas, obterei respostas demasiado ambíguas, que para o povo não são respostas, gostaria que na medida do possível, estas palavras aparecessem no nosso jornal "REVOLUÇÃO", porque mesmo que não obtenham resposta alguma ao menos ficarão para julgamento de quem as ler. Aqui vão as perguntas.

1.º Porque é que os senhores Magalhães Mota, Mário Soares, Pereira de Moura e Alvaro Cunhal, entre muitos outros, em todas as suas "palestras" se apoiam no

POVO, quando eles próprios dizem ao POVO o que deve ou não deve fazer??...

2.º Se todos eles dizem que: que é do POVO que tem que sair o produto; se é o povo que tem que combater na batalha da produção; se é o povo que tem de sacrificar-se, "ainda mais???" para a construção do SOCIALISMO; enquanto se apoiam abertamente os pequenos e médios agricultores, industriais e comerciantes, que são a parte mais perigosa da burguesia, porque... "muitos poucos fazem muito e...GRÃO A GRÃO!"

3.º Se já se perguntou: - quem tem medo da revolução? Então porque os condicionalismos e as reforminhas às prestações?? ao POVO tudo se pede.

Se o POVO é que tem razão.

Se a burguesia não cede, o que é a Revolução???

4.º Se todos esses "senhores" falam em socialismo e Revolução ao mesmo tempo, dando a enten-

der que é a Revolução SOCIALISTA, "À PORTUGUESA", eu pergunto: quantas formas de socialismo existem??... Para todos os gostos?!

Será que o socialismo pertence a quem o apregoa, sendo portanto, Monopólio??!... "Parece-me já ter ouvido dizer que queriam acabar com os monopólios!?"

II

Debates e discussões, para quem tem dom de palavra.

Lavraram actas e acções, tirando o pão a quem LAVRAM!

5.º Se todos esses senhores, representantes de vários partidos apoiam o POVO, porque não se juntam num só partido que o apoie realmente?!

III

Será que em Portugal, se inventou um novo jogo?

De xadrez, ou quasi igual, em que as pedras são o POVO??

6.º Porque é que esses Srs., que

parecem conhecer tão bem o POVO, visto que tanto nele falam, não utilizam termos acessíveis ao POVO?? Será que não querem a sua linguagem ou que não lhes é possível utilizá-la?!: Ou será que ficaram convencidos com os resultados das eleições?... Parece que sim, uma vez que dizem que as eleições traduzem a vontade do POVO. Coitado do POVO! Será que o "Jé que botou no xé dei éxe" não botou no Patraozinho?? Por exemplo!!!

Para terminar, e porque se fala tanto no POVO, lembro-me dum Homem do POVO:

VÓS QUE LÁ DO VOSSO IMPÉRIO, PROMETEI UM MUNDO NOVO!

CALAI-VOS! QUE PODE O POVO, QUERER UM MUNDO NOVO A SÉRIO.

Um camarada do PRP-BR de Albufeira - Algarve. J. G. R.

CHEGOU A HORA DA LUTA DECISIVA

CAMARADAS:

Face ao marasmo económico que o país atravessa e à impossibilidade deste com uma economia moribunda, portanto, se aguentar por muito mais tempo sem que daí resulte um fim trágico para as classes exploradas, vejo chegado o período da luta decisiva, a hora em que o proletariado (se não queremos regressar ao fascismo) deve cumprir a sua missão de transformação desta sociedade apodrecida.

O verdadeiro critério de uma situação revolucionária é, com efeito, o de que os explorados não querem mais viver à moda antiga e que os exploradores têm que desaparecer. Portanto, a Revolução Socialista é possível, porque esta crise não só atingiu os explorados como também os exploradores. A situação continua a degradar-se. Os trabalhadores, em geral, começam a sentir que as eleições só serviram para uma maior degradação das suas condições de vida e que a luta é de vida ou de morte.

Faz-se apelos à batalha pela produção. Mas os trabalhadores, que não dormem responderam peyorativamente ao desencadear de greves em todo o país.

Camaradas, embora a greve por aumento de salários ou por melhores condições de trabalho seja sempre uma luta entre operário e patrão, esta não passa nunca de uma mera reivindicação.

Nem mesmo a greve de massas, que na sua essência objectiva, é um meio revolucionário, é suficiente

como arma da luta decisiva. A burguesia, das situações revolucionárias criadas pelas greves de massas, com a ajuda do aparelho de Estado tira sempre o máximo de conclusões que lhe são necessárias para manter o seu domínio (pela força das armas).

Significa isto que a própria arma da greve de massas é impotente, se face às armas da burguesia, o proletariado não pega igualmente em armas.

Muito importante também para o proletariado é saber pelos interesses de quem deve combater: pelos seus próprios interesses ou pelos de toda a sociedade.

Aqui dir-vos-ei que os revisionistas escolhem sempre como ponto de partida os interesses de toda a sociedade. Ultrapassam o ponto de vista exclusivo do materialismo histórico que considera todos os fenómenos da realidade histórico-social unicamente do ponto de vista de classe do proletariado.

E mais, camaradas no ponto de vista prático o revisionismo é também um compromisso com a burguesia, porque tenta atenuar as diferenças de classe e fazer da sua unidade (essa unidade que por aí tanto se fala) o critério que servirá sempre para apreciar os acontecimentos. É escandaloso dizer ao proletariado que este deve resignar-se pacificamente a ir no interior da sociedade burguesa melhorando a sua posição quando a realidade das condições sócio-económicas em que vivemos, mostram que este deve rapidamente organizar-se e

armar-se com vista à tomada do poder.

Também sei que muita gente tem medo da ditadura do proletariado. E quem? Certamente que não são os trabalhadores.

Quero com isto dizer que a missão histórica do proletariado e portanto a de desligar-se de qualquer aliança ideológica com outras classes e de encontrar a sua nitida consciência de classe fundada na especificidade da situação de classe e na autonomia dos seus in-

teresses de classe daí decorrentes.

Que, para permitir travar com sucesso a batalha contra a burguesia, é preciso expulsar do movimento operário como condição primeira e indispensável todos os oportunistas e vendidos ao capital.

É absolutamente necessário libertar dessa influência desastrosa do ponto de vista intelectual e orgânico todos os operários e trabalhadores menos conscientes. Saudações Revolucionárias. Ernesto



AOS LEITORES

AS «GRALHAS» DO "REVOLUÇÃO"

O último "Revolução" tinha mais «gralhas» do que é habitual... Disso pedimos desculpa aos nossos pacientes leitores, muito particularmente no que se refere ao artigo sobre o BANALIM. Tais «gralhas» foram devidas a avaria na máquina de composição electrónica, que foram impossíveis de corrigir até à hora de impressão.

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS MRPP-RALIS



O MRPP prendeu um ex-sargento fascista, interrogou-o e entregou-o ao RAL1. Dai tentou tirar o máximo de publicidade e de espectáculo, como é seu hábito.

As declarações feitas pelo preso e a rede detectada em nada alteram o que já se sabe e o que se adivinha sobre o ELP e organizações afins. Revelar (como faz o MRPP no seu comunicado), nomes como Alpoim Calvão, Sanches Osório ou

António de Spínola como novidade é ridículo. Descobrir um agente da CIA na Embaixada Americana, ridículo é... O que é difícil é descobrir um que não seja.

A entrega do preso ao RAL1 e a atitude subsequente do MRPP tentam, como é evidente, pôr em cheque o COPCON. E o COPCON vai-lhes mudando as fraldas...

Como se depreende do relato dos acontecimentos, a divisão desejada não foi bem sucedida. O

MRPP e quem mais que quisesse pôr em causa o COPCON saiu mal da jogada. Porque:

— Logo que o preso foi entregue ao RAL1, no sábado, foi pedido ao COPCON um delegado.

— As detenções seguintes foram sempre credenciadas pelo COPCON.

— As acções foram seguidas e mesmo orientadas no próprio RAL1 pelo Major Cardoso do COPCON e pelo Chefe do Estado Maior daquele comando, Tenente-Coronel Baptista. O Brigadeiro Otelo esteve também no RAL1.

— O comunicado do RAL1 no domingo foi feito através da 5.ª divisão e com conhecimento de Otelo Saraiva de Carvalho.

— A atitude do comando do RAL1, da 5.ª Divisão e do COPCON revela portanto capacidade de agir com eficácia e sem burocracias.

Saiu mal a jogada... Não percebemos portanto as perguntas do "Diário de Notícias" que segunda-feira de ma-

nã, feitas com destaque de 1.ª página e de caixa. Nelas se fala de "militares" "loquazes" (adivinha quem é, quem é?), que neste caso não dão explicações ao público. Nelas se pergunta: "quem governa este país", nelas se reclama a segurança de que o público tem necessidade.

Perguntas que antecederam a assembleia do MFA, realizada nesse mesmo dia 19. Tanta coincidência...

E há uma coisa que nos preocupa: terá o Diário de Notícias sido tomado pelo MPPP?

Mas a assembleia reiterou a sua confiança no COPCON e em Otelo. Ficaram portanto frustrados aqueles que pretendiam ver posta em causa a loquacidade de Otelo. A loquacidade que doi...

Porque fala que as organizações armadas são suas aliadas, porque fala nos Conselhos Revolucionários, porque fala em ultrapassar os partidos.

E aí, desde o Diário de Notícias

ao Jornal Novo todos acusam o toque. Até parece que o Brigadeiro está a querer ultrapassar as redacções dos jornais diários... E assim consegue fazer (conta ele) a unidade do PC-PS que tantos unitaristas gostariam de ver realizada. Ao menos sobre isto...

Mas mantemos dúvidas e receios. Quem é que identificou prendeu e entregou ao MRPP o ex-sargento fascista? Consta que já havia investigações a correr sobre este indivíduo. Como é que ele caiu de para-quebras nos braços do MRPP? Qual foi a mão que mexeu este peão?

E os receios são imensos: Este clima não é ele propício a golpes e contra-golpes? A NATO vem aí em exercícios. O imperialismo espera que a situação se degrade. Quem é tão louco ou tão cego que não veja perigo dum intervenção que arrase PC, MRPP e mesmo PS e tudo o mais? Até que aventura podem conduzir os interesses partidários?

OS REPUBLICANOS DA REPÚBLICA E OS REVOLUCIONÁRIOS DE DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Coincidindo com os acontecimentos perturbadores do fim de semana em relação ao preso do MRPP, surge uma vaga de senha PC-PS, que agitou a cidade de Lisboa e que criou um clima com qual sonharão decerto os estrategas de Washington.

Os trabalhadores da "República" põem em causa a redacção e demitem Raul Rego. A partir daí foi a confusão.

Quem é a República e quem é Raul Rego? O que é o P.S.?

Por várias vezes temos dito nas páginas deste jornal, o que representa a social-democracia, o que é o P.S., vestido de marxista, mas representante duma das formas mais subitas de capitalismo.

Herdeiros de 100 anos de socialismo... Estranhos 100 anos, que expressão não tiveram nenhuma.

Os núcleos socialistas que surgiram em Portugal em 1871, vieram realmente a dar o Partido Socialista como aconteceu no resto do mundo. Mas como mais tarde viria a acontecer também aos Partidos Comunistas (nascidos na sua maior parte por cisão dentro dos socialistas) os PS degeneraram e tornaram-se em partidos eleitoralistas e conciliadores, atraíndo a classe operária. Em Portugal, quando no Congresso de Tomar de 1914, se constituiu a União Operária Nacional, era a contestação do PS que surgia no seu próprio seio através da tendência anarco-sindicalista. A partir daí e ao contrário do que acontecia

noutros países o PS foi morrendo. De tal modo que nem sequer tinha existência como organização operária para ter dado nascimento ao futuro PC, ao contrário do que aconteceu no resto da Europa. Aqui o PC veio a nascer da organização anarquista.

Pois o PS se é que existia, hibernou até 1973. Entretanto, os actuais dirigentes do PS (na sua grande maioria e os mais conhecidos) andaram pelo Directorio Democrático-Social e depois pela Acção Socialista. Foi esta organização que esteve na base da CEUD em 1969, divergente da CDE, por esta ter o socialismo

como objectivo e sobretudo por se estruturar numa ampla organização de base, em que os militantes todos tinham a palavra. Estas características não convinham aos homens da então Acção Socialista. O seu objectivo era o derrube do fascismo e o estabelecimento duma democracia. A sua via era pacífica, as

suas formas de luta, legalistas, a organização cupulista à base de personalidades.

Derrubado o fascismo, o PS constituiu um ano antes, tornou-se no partido ideal para servir de grande saço à obrigatoriedade de anti-fascismo de todo o português honrado ... Tornou-se no partido de todos aqueles que não são fascistas nem revolucionários, mas que não suportam o PC (de policia já chegaram 48 anos) e que querem ter um partido. E foi assim que um pequenissimo partido se tornou num grande partido. Eleitoral por excelência portanto. Embora o negue e se diga marxista, o PS é social-democrata ou seja tem como objectivo o estabelecimento em Portugal duma democracia burguesa, com partidos burgueses no Governo (veja-se o seu apoio ao PPD), revestindo-se o capitalismo de reformas suficientes para ser suportável à classe operária.

O jornal "República", segue esta linha. O "Momento" de Raul Rego segue-a por excelência, já a seguia durante o fascismo.

OS REVOLUCIONÁRIOS DE DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Mas eis que se levantam terríveis guerras ao PS, ao Rego e ao "República" depois das eleições. Porque o PS ganhou as eleições, porque o PC teve resultados escandalosamente baixos. A partir daí o PS é o inimigo a abater. A esquerda revolucionária até aliviou um bocadinho... Agora o inimigo é o PS.

Era uma vez um homem que se chamava Manifestação. Ele foi a uma manifestação com a senhora Manifestação. A primeira manifestação era dos gordos e a segunda era dos estícas. As duas manifestações eram do P.C.P.: estavam lá 10.000 pessoas a favor dos gordos e 20.000 pessoas a favor dos estícas. Os estícas eram mais magrinhos, por isso cabiam mais. Depois encontraram outra manifestação: era do P.S. e só estavam lá 500 pessoas. Encontraram 400 rinocerontes que vinham todos furiosos. Os rinocerontes apanhavam os do P.S. pelo rabo. Alguns PS puxavam pelo rabo dos rinocerontes. O Mário Soares ficou todo chateado.

O homem do Jardim Zoológico era do P.C.P. e soltou os bichos. Os bichos foram todos contra os do P.S. Depois o M.F.A. foi buscar o Mário Soares à sede do P.S. Os do P.S. foram para a panela e ficaram todos furiosos. Os gordos, os estícas e o Cunhal ficaram todos contentes. Fim. Diogo V.B. 29 de maio



As declarações do Major Aventino Teixeira

Acerca das vicissitudes por que passa a imprensa neste momento, e referindo-se especificamente à Sociedade Nacional de Tipografia, empresa proprietária do "Século", que obteve o aval do Estado para um novo empréstimo de 7600 contos, o major Aventino Teixeira, nomeado administrador por parte do Estado para aquela empresa, concedeu uma entrevista ao "Expresso" de que destacamos certas declarações, que consideramos importantes.

A IMPRENSA, COMO ESTRUTURA AO SERVIÇO DA BURGUESIA

Respondendo a uma pergunta feita acerca da grave situação económica da empresa, o Maj. Aventino declara, após frizar a impossibilidade da S.N.T. recuperar os 150 mil contos de prejuízos acumulados e os 250 000 de financiamentos: "Os órgãos de informação escrita numa sociedade de dominância burguesa estão para os grupos políticos e económicos que os sustentam tal como o departamento de publicidade, dentro de cada empresa, está para os centros de produção e de venda, isto é, são sempre deficitários".

Quer dizer que na sociedade capitalista, há necessidade de que alguns sectores não tenham lucros, mas que sejam infraestruturas que serão pedras importantes no gigantismo de todo o trust, em que estão inseridos. Quando a Imprensa, sob a actuação directa dos trabalhadores, começa a defender outra ordem social, que não é a da burguesia, esta deixa de necessitar desse apoio abandonando os trabalhadores à sua sorte, por não

lhe interessarem à manutenção do seu aparelho. Ser o Estado a suportar o abandono que as administrações votaram às empresas; que já lhes não servem, equivale, em última instância, a serem os trabalhadores a suportarem os prejuízos dos patrões.

Assim o entende o Maj. Aventino, que preconiza uma acção drástica e directa sobre o patronato:

"Perseguir por todos os meios esses grupos económicos e políticos em fuga, por forma a que sejam eles e não o Estado a suportar os prejuízos acumulados e a aguentar a responsabilidade dos financiamentos. Deixarmo-nos, portanto, de contemplações com direitos "adquiridos" através de contactos injustos baseados numa legalidade que é a expressão última e a mais subtil da ideologia dominante: EXPROPRIAÇÃO IMPIEDOSA dos que, a propósito de um capital social de 2.000 contos, empolam um negócio ao nível de meio milhão de contos..... Não se pode prender pessoas, pagando-lhes o Estado os prejuízos... ABOMINO QUALQUER TIPO DE COMPENSAÇÃO MORAL".

A IMPRENSA AO SERVIÇO DA REVOLUÇÃO

Sobre a informação nacionalizada, o Major Aventino afirma que essa passará a ser um serviço de utilidade pública, e uma peça do processo de mobilização popular.

Debruça-se, em seguida, sobre a recusa dos trabalhadores em publicarem um livro escrito por um oficial saudosista de velhos conchavos, que todos desejaríamos ver

escorraçados, na sociedade socialista que queremos construir.

n A esse respeito, afirma: "Nenhum oportunista, mesmo de meia-tijela, poderá invocar o meu nome para, utilizando as contradições das lutas partidárias, desprender qualquer mercadoria, seja ela um livro ou um detergente".

Em relação ao processo que se desenrola no "Século", o Maj. Aventino refere-se aos "nascentes órgãos de verdadeiro poder popular, como as comissões e conselhos de comissões de trabalhadores", acentuando que os soviets não são a única forma para a resolução do problema da natureza do poder do Estado.

Deprendemos daqui que os soviets (ou Conselhos Revolucionários) são uma forma de poder admitido pelo Maj. Aventino ao contrário da recusa por parte de certos grupos políticos e governamentais.

SOU UM MILITANTE DO MFA

Sobre a expressão "militante do M.F.A.", Aventino Teixeira, apresenta a sua moção:

"Considero militante do MFA todo o elemento das F.A. que, pondo definitivamente de parte leituras literais do programa e dos grandes objectivos apontados pelo Conselho da Revolução, não deixa de estar empenhado na luta ideológica que visa transformar o MFA em INSTRUMENTO DE GOLPE DE ESTADO, em movimento de abertura, em termos de convivência. A TOMADA DO PODER PELAS CLASSES TRABALHADORAS, SOB A LIDERANÇA DA ÚNICA CLASSE HISTÓRICAMENTE REVOLUCIONÁRIA, à qual compete também historicamente definir as alianças com as outras classes e extractos de classes".

M.F.A. — MOTOR DA REVOLUÇÃO?

Após esta definição que chamariamos clássica e cientificamente correcta o Maj. Aventino recusa categoricamente o papel de motor ou agente revolucionário por excelência, que outros seus camaradas atribuem ao M.F.A.

"Os MILITARES NÃO SÃO DE FORMA ALGUMA A VANGUARDA DA CLASSE OPERÁRIA, mas dada a sua proveniência social - há 13 anos que fazíamos uma guerra injusta como mercenários do capitalismo e dos seus ideólogos, políticos profissionais, certos jornalistas e outros filisteus, daí decorrendo que o recrutamento de quadros teve de deixar de fazer-se exclusivamente nas camadas da média e alta-burguesia - os militares têm condições subjectivas ideais para entenderem quais as formas organizativas que a classe operária poderá aceitar para evitar o seu esmagamento e submissão.

Correia Jesuino: a Nato e os Açores

Há homens acerca dos quais é difícil dizer o que mais nos impressiona: se o seu total desconhecimento da realidade, se o seu conservadorismo. Correia Jesuino é um deles.

No regresso da sua visita aos Estados Unidos da América este nosso ministro disse tais coisas (aliás já lhe é habitual), que nos divertiram bastante se não fosse a responsabilidade (e respectivas implicações) daquele que profere tais palavras. E aí temos o Ministro da Comunicação Social... É este o homem que, falando em nome de Portugal e dos Portugueses, para além das fantasias preferidas, se permite afirmar categoricamente e com todo o desassombro que nós não vamos abandonar a NATO, que vamos negociar a base americana dos Açores e que estamos realmente comprometidos em relação ao bloco ocidental (entenda-se, capitalismo).

O tipo de convicção expressa

pelo senhor ministro e os argumentos que utiliza sugerem-nos duas coisas. Primeiro, parece-nos estar perante declarações de alguns ministros de aqui há uns anos, que também diziam falar em nome do Povo Português e exprimir os sentimentos deste. Segundo, os raciocínios e argumentos utilizados não convencem uma criança — não nos admira que os americanos tenham ouvido Correia Jesuino com um certo cepticismo.

A propósito da hostilidade verificada nos Estados Unidos em relação a Correia Jesuino, o senhor ministro diz que "não temos de lamentar o comportamento dos portugueses, pois são o mesmo em todo o lado". O que pretenderá dizer com este disparate Correia Jesuino? Será que, dos portugueses, não sabe distinguir entre burgueses e trabalhadores, entre os que protestam sem razão e os que protestam com ela, entre os reaccionários (ou elementos manobrados por estes) e os progressistas? Talvez não saiba ou talvez não possa,

Quando os meios de informação (de que o senhor Correia Jesuino é o responsável-mor) e os senhores ministros e governantes afirmam diariamente que nas últimas eleições o povo português "optou pela via socialista", vem o senhor ministro da Comunicação Social (e aqui não está sozinho) afirmar categoricamente que nós ficamos na NATO. Será que um país socialista cabe no quadro da "Aliança

OS REPUBLICANOS DA REPÚBLICA E OS REVOLUCIONÁRIOS DE DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Não é de hoje nem de ontem que os militantes do PC sabem o que é o PS. Simplesmente andam de braço dado ou a pontapé conforme as conveniências com as quais os trabalhadores portugueses não têm nada.

Afastaram-se nas eleições de 1969 e formaram duas organizações: CEUD e CDE. Mas em 1973 andaram em ídilio. E a CDE teve que recuar no seu objectivo de socialismo e nas suas estruturas de base, para poder albergar no seu seio os ex-CEUDS, ou seja PS ou seja Raul Rego. E aí se encapelaram os activistas do PC contra os "esquerdistas" então presentes na CDE, que não queriam tais unidades à custa de tais mudanças. Mas se entretanto as direcções do PS e do PC tinham cozinhado a unidade... As cúpulas punham e dispunham, põem e dispõem.

Curiosamente as amizades ou as desavenças do PC e do PS portugueses coincidem sempre com identicos humores Marchais-Mitterrand em França. Também em 1973 havia o Programa Comum. Claro que tudo isto é internacionalismo proletário...

Agora, ganhas as eleições pelo PS e humilhado o PC, este passou a declarar guerra ao PS. E faz para aí declarações "esquerdistas" por toda a parte. Declarações que fariam acusar de provocador pelo PC qualquer simples mortal lá para os meses de Junho, Julho de 1974 (nos meses em que o Spínola era o companheiro de caminho). Cunhal chega mesmo a dizer que as eleições são antagonicas da revolução! Isto é um escândalo! Eles que nos andaram a impingir as eleições e a acusar-nos de pro-

vocadores por as contestarmos. Eles que jogaram tudo nas eleições. Eles que gastaram decerto largos milhares de contos em propaganda eleitoral. Eles que retiraram a ditadura do proletariado do programa para não afugentar a pequena burguesia.

Revolucionários de última hora, contestam as eleições, descobrem os sociais-democratas, são mesmo tentados a proteger lutas dos trabalhadores (porque não mesmo uma grevezinha, a da hotelaria...)

OS JORNAIS DIÁRIOS

Ao ataque portanto à República! Na grande batalha pelo controle da informação, pela intoxicação do público.

Que a República é o PS? Pois é. Mas então e os outros jornais diários: o que é o Diário de Lisboa,

o que é o Século, o que é o Diário de Notícias? Basta apreciar o que publicaram durante as eleições. E que dirá o PS das anedotas ilustradas do "Fixe"? Metade delas a respeito do Cunhal na República teriam posto o Rego a entrar de charola em qualquer hospital.

A maior parte dos jornais diários falta-lhes um requisito no frontespício: dizerem-se - porta-voz do partido tal. E o público que sabe isto já lê a saber o que está a ler. Ou não lê (e as vendas talvez digam qualquer coisa). Mas quem não sabe... o respeitável público que não discernir ou não tirou o curso do xadrez partidário, engole a pastilha e é intoxicado.

O Ministério da Comunicação Social não se pronuncia, não põe cobro, não toma medidas. O público que se intoxique.

OCUPAÇÕES DE CASAS — A LUTA CONTINUA

A habitação, direito que ao longo dos anos tem sido negado aos trabalhadores, é neste momento mais uma problema que a nível governamental não verá resolução, mas sim um constante adiamento de resolução.

Os trabalhadores conscientes disso, avançam para a sua própria resolução e ocupam casas que estão desabitadas há anos e que estão em perfeito estado de habitação. Surge a repressão por parte da policia e a difamação por

parte dos reformistas, não tendo qualquer destas partes obtido os seus intentos. Os trabalhadores sabem o que é a sua justiça e sabem também aquilo a que têm direito, aquilo que deve ser seu. E a sua força que nada nem ninguém poderá travar.

Do Governo Provisório, a que os reformistas tanto apoio têm dado, surgem as leis: neste caso específico da habitação a última implica o desalojamento de milhares de ocupantes. Contra isto

surge a organização dos trabalhadores a nível do seu local de habitação as comissões de moradores, que entre si coordenam e desenvolvem o seu trabalho através do Secretariado e da Inter-Comissões.

Falamos com um elemento do Secretariado e vários ocupantes que estão organizados na Comissão de moradores da Lapa, que nos disseram da sua experiência ao longo deste ano de ocupações e das suas perspectivas para o futuro.



entrevista

SECRETARIADO DA INTER-COMISSÕES

REVOLUÇÃO: Como se desenrolou o processo das ocupações?

RESPOSTA— Houve duas fases de ocupações. A primeira em Maio-Junho do ano passado. Em vários pontos de Lisboa e do Porto, as pessoas avançaram para ocupações de casas desabitadas há anos. Uma segunda vaga de ocupações começou sobretudo quando acabou o prazo do decreto-lei 494-74 previa esta lei que senhorios alugassem as casas no prazo de 120 dias. Eles muitas vezes nem as declararam na Câmara, e muito menos as alugaram. Por isto, os moradores primeiramente os dos bairros de lata, desencadearam uma grande ofensiva de ocupações principalmente em Campo de Ourique, Santo Amaro, Este movimento dá lugar à repressão da policia, há resistência popular e é o COPCON que aparece a dar uma ajuda à policia. Perante a movimentação popular o COPCON deixa de actuar e põe-se ao lado dos trabalhadores. Só tinha esta hipótese se realmente estava do lado dos trabalhadores, perante a justiça das ocupações - havia casas desocupadas há 18 anos e a maior parte delas em estado perfeitamente habitável.

O resultado, foi que o COPCON foi-se comprometendo cada vez mais, foi autorizando e o povo consolidou esta conquista, e o COPCON que poderia ter uma atitude repressiva, antes pelo contrário passou a ter uma atitude facilitadora.

Penso que ninguém neste momento nos poderia desalojar e, a haver uma intervenção da policia e que em caso de desespero esta disparasse isso levaria a um verdadeiro motim popular. Ai, certamente, o COPCON interviria e teria de optar entre o lado da repressão para salvaguardar os interesses dos proprietários, ou do lado do povo para respeitar os in-

teresses do povo e pôr em causa as dezenas de casas desocupadas que há por esse país enquanto há centenas de milhar de famílias sem casa.

REVOLUÇÃO: Actualmente já há comissões de moradores. Como é que elas surgem?

RESPOSTA— As pessoas combinam umas com as outras. Organizam-se primeiramente em piquetes para se preservarem da policia. Em seguida formam-se as Comissões de Moradores.

É preciso dizer que anteriormente a este movimento existiam já comissões de moradores, mas que eram controladas pelos partidos reformistas, que de uma maneira

veriam passar esses papeis o que só se verificou praticamente em duas Juntas.

Aquelas comissões que a principio estavam constituídas por um lado para auto-defesa, por outro para pôrem em andamento a legalização verificaram que essa legalização não podia ser mais uma legalização burocrática, mas tinha que ser uma legalização imposta ao nível de uma luta de massas. Começaram a fazer-se contractos entre as comissões de ocupantes das diversas zonas, que perante a demora do governo em aprovar medidas para a legalização, surge simultaneamente duas comissões (Alto de Santo Amaro e Campo de Ourique) e a ideia de se organizar uma manifestação exigindo do

que tinham conhecimento, a maior parte não podia ser legalizada. Por ai se vê como esse decreto era contra-revolucionário.

No fundo este decreto veio ajudar a consolidar o nosso movimento na medida em que ele fez com que se realizasse um novo plenário em que compareceram cerca de 38 comissões de moradores ocupantes e em que a tomada de posição unânime, foi a de resistir contra este decreto, resistir a toda a tentativa de desalojar qualquer dos ocupantes, e realizar manifestações de rua e ainda entrar em contacto com o Porto, Setúbal e outros locais de forma a dar um carácter nacional a este movimento.

REVOLUÇÃO: Depreende-se das tuas palavras que há uma diferença entre comissões de moradores e de ocupantes. Dado que as primeiras estavam controladas pelos reformistas, qual tem sido o papel delas e qual tem sido a transformação que se tem vindo a verificar.

RESPOSTA— O que acontece é que em determinada altura o PC e MDP tomam conta de algumas autarquias locais, e instalam comissões, que são controladas por esses partidos, que as utilizam como correias de transmissão entre os moradores de um determinado bairro e autarquias locais e procuravam eliminar elementos esquerdistas impedindo-os de funcionar dentro dessas comissões. Estas comissões não foram para frente porque só faziam o que diziam as comissões administrativas, não tinham apoio da população sendo apenas formadas por militantes do MDP-CDE e PCP e começaram a morrer a pouco e pouco, acabando definitivamente quando começaram as ocupações de casas. Porque ou elas apoiavam as ocupações ou não, e no caso de apoiarem desligavam-se dos partidos e aderiam às comissões de ocupantes, as que não aderiram morreram praticamente excepto

em certos casos onde o PC tem maior implantação como é o caso de Sacavém. O que se vai passar neste momento é uma tentativa de recuperação das novas comissões de moradores pela utilização daqueles militantes do PC e MDP que se mantiveram dentro do movimento unitário e portanto em desacordo com os partidos.

É importante frizar que este movimento de ocupações e o processo organizativo das comissões de moradores e ocupantes tem tido características perfeitamente unitárias.

REVOLUÇÃO: As comissões de moradores de bairros de Lata também foram atingidas pelo reformismo?

RESPOSTA— Não, excepto em casos muito isolados, só alguns em Lisboa. Este movimento dos bairros de Lata é extremamente importante. Começa pelo processo de ocupações de casas no ano passado. Nos casos em que as pessoas tiveram de voltar para trás efectuaram-se reuniões dentro dos bairros, depois aparece essa organização que é o SAAL (Serviços bulatórios de Apoio Local) que começa a fazer promessas de construção de novos bairros pela atribuição de um subsídio de 60 contos às pessoas, e pela utilização da auto-construção. Isto a principio ainda iludiu alguns moradores dos bairros, mas começou a verificar rapidamente que isto não passa de promessas do governo para tentar desmobilizar a tomada de consciência dos moradores dos bairros da Lata. A medida que o tempo passa e o SAAL de desmobilizador passa a ser mobilizador como é o caso do Porto, onde o processo se encontra bastante desenvolvido. Ai as equipes do SAAL jogaram um papel importante na tomada de consciência de que o SAAL não resolveria nada, de que as promessas Governo eram completas farsas, porque o aparelho de estado, controlado por



geral não apoiaram as ocupações, antes as contrariaram, mas que em alguns casos (raros) declararam que estavam dispostos a apoiarem-nos, facilitarem-nos a legalização, falarem com os senhorios, dando-lhes papeis para que os ocupantes pudessem ir à Companhia das Águas e da Electricidade, fazerem os contractos, porque para isto, era necessário o contrato de arrendamento. Não existindo este, a Junta podia substituí-lo por uns papeis, O que é certo é que num plenário efectuado em Janeiro no S. Luís foi aprovada uma proposta segundo a qual as Juntas de Freguesia de-

governo a tomada de medidas revolucionárias para a legalização das ocupações e também para a distribuição de todas as casas vazias.

No dia em que se dá a reunião conjunta das duas comissões para organizar essa manifestação tem-se conhecimento da aprovação da nova lei 198 A-75. Embora aceitando na prática, todas as ocupações já feitas, condena severamente todas as futuras ocupações, tendo em seguida uma lista das excepções à legalização dessas ocupações, que como dizia o comunicado da Câmara Municipal de Lisboa, dos três mil casos de

OCUPAÇÕES DE CASAS



CASAS SIM, BARRACAS NÃO!

Realizou-se no sábado dia 17 uma manifestação, em Lisboa, de protesto contra o recente decreto-lei sobre a habitação, convocada pela Inter-Comissões de Bairros de Lata e Comissões de Moradores e ocupantes.

Os manifestantes, que se concentraram na Praça Marquês de Pombal, às 15 Horas atingiram a ordem de vários milhares de pessoas, que percorreram Lisboa, descendo a Av. da Liberdade, passando Junto à Câmara Municipal e terminando a marcha junto ao Palácio de S. Bento, onde se realizou um comício. Aderiram a esta manifestação elementos da Comissão de Moradores da Região Norte, que encabeçavam a coluna. Durante que punham em evidência subalojados, tais como: "Casas sim, barracas não").

"O Povo constrói as casas, as casas são do povo!"

"Não à auto-construção, sim às ocupações!"

Denunciava-se assim, o decreto-lei anti-popular e reacçãoário, que preconiza a auto-construção, que é contraposta por justos argumentos por parte dos moradores dos bairros da lata:

"Depois não temos força para trabalhar".

Além do mais, a construção social podia ser entregue pelo governo aos 400 mil desempregados que agora existem. Todas as soluções apresentadas oficialmente são rejeitadas, por fugirem a aos encargos no processo de financiamento dos novos bairros (casos de auto-construção e cooperativas), atribuindo aos trabalhadores as resoluções que só competiriam ao governo.

As reivindicações apontam a exigência da construção de novos bairros nas mesmas zonas onde vivem os actuais moradores, a expropriações de terrenos livres, a prática de rendas compatíveis com os magros rendimentos dos trabalhadores e a garantia do Estado da ocupação de casas que se encontram vagas, enquanto não se construírem novas habitações.

Idêntica manifestação decorreu no Porto englobando também milhares de manifestantes.

Por considerarem absolutamente justas as exigências apresentadas pelos moradores dos bairros de lata e bairros pobres e os ocupantes de casas, diversos partidos e organizações políticas deram apoio a esta manifestação, entre os quais o PRP-BR.

entrevista

COMISSÃO DE MORADORES DA LAPA

REVOLUÇÃO: quantas casas já ocuparam nesta zona?

RESPOSTA — Ocupei a minha casa em 20 de Março e ainda a estou mas não tenho contra.

Temos 18 famílias que ocuparam casas no Bairro e já com contrato de arrendamento.

Os outros ainda não têm contrato, porque os senhorios apesar de terem sido convocados ainda não quiseram passar dizendo que vão até à última instância mesmo que tenham que gastar muito dinheiro, outros que só resolvem depois de falar com o advogado.

REVOLUÇÃO: A Junta de Freguesias tem-vos ajudado neste processo?

RESPOSTA — Tem-nos ajudado no aspecto dos contratos da água. De vez em quando há umas pequenas divergências, mas conseguimos ultrapassar isso.

REVOLUÇÃO: Como é que surgiu a comissão de moradores?

RESPOSTA — A comissão de moradores surgiu mediante as dificuldades que havia com as ocupações. Juntou-se aqui uma rapaziada e avançamos. Anávamos até às 4, 5 da manhã com 5 jeeps do COPCON e até uma das ocupações foi feita com ajuda deles.

REVOLUÇÃO: O COPCON tem-vos apoiado?

RESPOSTA — Nós antes de irmos para as ocupações participamos logo ao COPCON, uma delas que não fizemos isso, na rua Domingues Sequeira, houve alguém que telefonou para o COPCON a dizer que nós estávamos a assaltar uma casa. O COPCON veio logo para intervir mas viu o que era na realidade, tirou os elementos e foram-se embora. Não nos deram problemas nenhuns antes pelo contrário.

REVOLUÇÃO: Por quantos elementos é formada a comissão de moradores?

RESPOSTA — São muito poucos à vista de outras freguesias. A de Santo Condestável é formada por 70 e tal elementos, estão muito bem organizados, têm piquetes etc.

A nossa comissão tem tido um trabalho diferente, temos chamado os senhorios à pedra, temos apertado com eles e eles têm cedido. Isto é um trabalho que as outras comissões não têm feito.

REVOLUÇÃO: Qual o valor em que têm ficado as rendas?

RESPOSTA — Temos rendas que variam entre os 500\$00 e os 1.500\$00. Temos uma de 100\$00 outra de 170\$00 a renda é paga segundo a tabela que está no decreto-lei. Os senhorios que ainda não fizeram o contrato, não sei como vai ser. A Câmara Municipal

e a Junta de Freguesias têm que anos, nunca lhes fizeram obras nem as alugaram, é sinal que não precisam do dinheiro. Precisamos nós das casas e de lá não saímos.

Se a comissão de moradores pudesse ser legalizada de forma a que a gente o chamasse e se eles não viessem eram multados ou presos, nós já podíamos fazer mais alguma coisa, assim não podemos ir além disto, porque os senhorios não nos ligam nenhuma e agente não tem poderes para os mandar prender.

REVOLUÇÃO: Vocês estão dispostos a continuar com as ocupações?

RESPOSTA — A minha ideia é que temos que arriscar, senão nunca mais. Temos que nos obrigar a correr o risco a nossa situação é esta; eu por exemplo, vivia numa parte de casa em que pagava 1.500\$00, água e gaz, e tinha que dormir no meu quarto com dois filhos. Havia para aí tanta casa desabitada e arrisquei. Agora há que continuar para aqueles que ainda não têm casa.

REVOLUÇÃO: O último decreto que saiu sobre as ocupações obriga muitos ocupantes a serem desalojados. O que é que pensam fazer?

RESPOSTA — Eu pela minha parte não saio. Arrisco mas paciência, senão continuamos a rebaixar-mo-nos aos senhorios e isso não pode acontecer. Se eles têm as casas desocupadas há mais de 9

anos, nunca lhes fizeram obras nem as alugaram, é sinal que não precisamos do dinheiro. Precisamos nós das casas e de lá não saímos.

Outro ocupante — nós como estamos na altura da Revolução a alguma coisa, assim não podemos meu ver vai haver muito sangue da parte dos senhorios e dos ocupantes.

Terceiro ocupante — eu por mim tenho 6 filhos com outro na barriga, sete ponho-os à minha frente e têm que me arranjar casas. Não saio só se me tirarem aos bocadinhos. A casa onde estou é de um gajo que tem bancos no Brasil, e diz que quer demolir o prédio, que diz que tem autorização da Câmara, mas isto como quem tem dinheiro tem as leis e na Câmara ainda há muitos fascistas.

Eu ocupei a minha casa em Janeiro, passado dia e meio apareceu lá um capitão da policia Sr. Carapinha com dois carros grandes cheios de policia. Eu recusava-me a sair da casa e só via era policia a chegarem. Depois, esse tal Carapinha falou-nos cheio de amabilidades e disse-me para não me meter mais naquelas coisas que me arranjava casa. Ficamos todos à porta, eles deixaram 4 policia a guardarem-nos, depois apareceram mais dois e depois aconselharam-nos a não fazermos barulho que eles se iam embora e que nós podíamos voltar a ocupar os nossos andares. Assim fizemos mas às 11 horas da noite invadem

as casas de cacetes nas mãos, nem as crianças poupavam, atravavam gases lacrimogéneos e batiam em toda a gente.

Depois daquilo tudo ficaram dois policia à porta, pagos pelo senhorio a tomar conta do prédio. Devem ter sido obrigados a sair de lá — e nós ocupamos outra vez, agora ninguém nos tira de lá, o COPCON já disse para nós não largarmos a casa e darmos todo o apoio, além disso se a policia voltar para nos bater, já estamos prevenidos e agora dão e levam.

REVOLUÇÃO: Vocês pensam ter mais alguma iniciativa além das ocupações?

RESPOSTA — Estamos a pensar agora em Santo António, angariar fundos para pôr em funcionamento a pesca, já temos uma vivenda e queremos ir para a frente com o infantiário. Não queremos fazer como na rua Domingues Sequeira que se têm de entrar com 500\$ de joia e 1.300\$00 por mês por cada criança se forem duas é 1.000\$00. Quem está a explorar isto é uma cooperativa de mãos de campo de Ourique, mas é uma exploração, quem pode pagar aquilo são os ricos. Nós aqui queremos fazer um infantiário mas uma coisa, onde todos nós possamos pôr os filhos e não seja os filhos da meia dúzia que possam pagar.

TORRES DO SADO

REV. — Porquê, e quando começou a luta dos trabalhadores da TORRES DO SADO?

CT. — A luta já vem desde há algum tempo. Em Novembro elaborámos um caderno reivindicativo que apresentámos à administração. Alguns pontos foram resolvidos normalmente e a seu tempo, outros porém, causaram por parte da administração alguns problemas.

REV. — Quais foram então os pontos que causaram problemas por parte da administração?

CT. — Foram essencialmente três: estreitamento do leque salarial; um mês de férias com o respectivo subsídio; subsídio de doença. Reunimos diversas vezes com a administração e quando se chegava ao fulcro destas questões o argumento deles, era que "fica para a próxima". Nós fomos cedendo, até que chegou a altura em que vimos efectivamente que não podíamos ceder mais. Então, fomos para a administração que mais uma vez se quis esquivar. Eles dizem que os retivemos mas não, eles é que nos retiveram a nós. A tomada de posição deles, obrigou-nos a ficar aqui vigilantes durante duas noites, a montar piquetes, a guardarmos o fruto do nosso trabalho. E mais: as condições materiais de todos os trabalhadores impunham forçosamente esta reacção por nossa parte. Há aqui chefes de família que até ontem, ganhavam 4500\$00 e outros que faziam precisamente o mesmo serviço ganhavam 6000\$00. Ora não era justo.

REV. — E conseguiram realmente obter a concretização do que se pretende?

CT. — Não totalmente. Ontem pessoal tinha anteriormente umas instalações sanitárias apenas de perto das duas horas da manhã, fizemos uma reunião relâmpago e resolvemos na altura, e por agora, abdicar do ponto que se refere ao subsídio de doença. Os outros foram aprovados na sua íntegra. Estiveram cá uns elementos das Forças Armadas que tiveram uma acção relevante em prol dos trabalhadores.

REV. — Achem no entanto que se não fosse a vossa luta conseguiriam melhorar as condições?

CT. — De modo algum. Os trabalhadores é que têm de olhar pelos seus próprios interesses, e não pelos seus próprios interesses, é que tem que preparar os seus ataques e as suas defesas. Os trabalhadores unidos e organizados, são a força destrutível que conseguirá realmente fazer Portugal um país novo.

REV. — Receberam durante a vossa luta apoio de algum partido?

CT. — Não. Aqui no trabalho os partidos não contam. Não admitimos (todos os trabalhadores) que haja aqui dentro da firma de visionismo por questões partidárias.

REV. — Os trabalhadores têm condições que garantem o seu bem-estar dentro da firma? Referimo-nos concretamente a lavabos etc.

CT. — Não tinhamos há alguns meses. Hoje efectivamente, temos algumas. O refeitório, não é de modo algum o que desejamos,

mas pelo menos é aceitável. O também não foram poupados. O pessoal tinha anteriormente umas instalações sanitárias apenas de nome, porque aquilo era um poço de doença.

Os camaradas que pernoitavam cá, se durante a noite queriam fazer qualquer necessidade, tinham que fazer vento. Hoje, já existem uns sanitários anexos às casernas.

Tudo isto tivemos que reivindicar. Os burgueses procuram ignorar as condições em que vivem os operários. Ora pensamos, que nós mais que eles temos o direito de trabalharmos e vivermos com o mínimo de condições.

Eles é que precisam de nós, não somos nós que precisamos deles. Os REV. — Esta firma tem algum capital de Estado?

CT. — Não, a firma não tem capital de Estado. Há no entanto negociações com o Fundo de Fomento da Habitação, que visa precisamente a venda dos edifícios a quem os quiser comprar.

REV. — Põem por algum motivo a hipótese de nacionalização da firma?

CT. — Não e na realidade não vemos até que ponto isso seria útil para os trabalhadores, ainda não pensamos nisso.

REV. — Estão talvez a referir-se ao Capitalismo de Estado?

CT. — Exactamente.

REV. — Vemos que têm sido aí meses. Hoje efectivamente, já temos algumas. O refeitório, não é de modo algum o que desejamos, escritório ou até mesmo de adm-

nistração. Porque é que estão vocês a fazê-lo?

CT. — Para além de ser nossa intenção aliviarmos um pouco o trabalho aos nossos camaradas do escritório, pretendemos também integrarmo-nos o mais possível dentro das questões de administração. Muitos enganos têm surgido, mas nunca nenhum deles a favorecer o trabalhador. Ora nós gostamos muito de estar ao corrente de todas as contas. Há outro problema que também nos deixa um pouco desorientados: É a firma tem capital anónimo. Nós sabemos bem para quem estamos a trabalhar. Supomos que sejam dez os donos mas só conhecemos dois.

REV. — Seguindo essa ordem de ideias, pode-se concluir que os trabalhadores são autosuficientes e, por conseguinte não precisam dos patrões!

CT. — Exactamente. Ninguém nasce rico, o que obtém é tudo na base da exploração do homem pelo homem. Ora isso tem que acabar. Nós estamos empenhados em construir uma sociedade nova. Queremos acabar com a burguesia, temos que ser nós a comandar os nossos próprios destinos. Para nós é a palavra patrão, equivale a calão. Na sociedade que queremos construir, não há lugar para calões.

(NÚCLEO DE SETUBAL DO JORNAL "REVOLUÇÃO")

CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS — EMBRIÃO DA REVOLUÇÃO

Em um jornal que se auto-intitula de "Luta Popular" com cuja Luta Popular nada tem a ver li o seguinte acerca dos Conselhos Revolucionários:

"E finalmente, temos a última modalidade de tentar liquidar as Comissões de Trabalhadores, que são os pposomados chamados "Conselhos Revolucionários".

Os "Conselhos Revolucionários" em rigor não são nada; são os filiados dum partido político numa empresa que dizem "eu sou um Conselho Revolucionário", em vez de ser uma cé lula de um partido político, em vez de me dedicar a pôr bombas como há uns anos atrás, eu agora "faço a revolução", sou um "Conselho Revolucionário".

O "Conselho Revolucionário" não põe a questão da tomada do poder, põe a questão de defender o poder que existe. Não é por acaso que o chefe do COPCON apoia os ditos "Conselhos Revolucionários". Estes não são senão uma nova modalidade de "vigilância anti-fascista" e de "comissões de vigilância"; fabricam os "Conselhos Revolucionários" para vigiar a "revolução" para a defender, ou seja, para defender e vigiar a ditadura militar. Os "Conselhos Revolucionários" são uma espécie de comités de base do COPCON".

Após a leitura desta passagem a primeira ideia que me ocorreu foi a seguinte; os senhores que estão por trás do referido jornal dizem-se marxistas-leninistas-maoístas, o primeiro recorde-lhes a seguinte citação de Mao-Tse-Tung:

"É bom se somos atacados pelo inimigo, na medida em que isso prova que traçamos uma clara linha de demarcação entre nós e eles - SER ATACADO PELO INIMIGO NÃO É UMA COISA MÁ MAS SIM UMA COISA BOA".

Claro que a estes senhores não lhes interessa que a classe se organize, por outra, a classe deve "organizar-se" em torno do "GLORIOSO MRPP". Não é verdade?

Estes senhores criticam os revisionistas porque; querem conduzir a classe mas, que pretendem no fundo estes senhores?

Acima de tudo, estes senhores não têm uma visão política para verificar que face às manobras do imperialismo e aos seus cúmplices o proletariado só tem uma alternativa: ORGANIZAR-SE SIM, ORGANIZAR-SE A SI COMO CLASSE, colocando de lado a divisão partidária.

Estes senhores "revolucionários" não têm uma visão política para verificar que face às manobras do imperialismo e aos seus cúmplices o proletariado só tem uma alternativa: ORGANIZAR-SE SIM, ORGANIZAR-SE A SI COMO CLASSE, colocando de lado a divisão partidária.

Quem não é isto querará mesmo a REVOLUÇÃO? Claro que não!

A revolução para estes senhores só se dará quando eles "os Gloriosos tomarem o poder e dominarem a classe.

Mas, estes senhores que não temam o dia em que a classe tomar o poder, nada lhes fará, somente os fará sentir na pele o suor do trabalho.

Para terminar recorde, a esses senhores que, Comunismo é, de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades, por outro lado, só a prática social dos homens pode mostrar verdadeiramente o que os homens querem.

OS REVOLUCIONÁRIOS VÊEM-SE NA PRÁTICA E OS REACCIÓNÁRIOS TAMBÉM, NUMA SOCIEDADE ONDE HÁ LUTA DE CLASSES OU SE ESTÁ DE UM OU DE OUTRO LADO DA BARRICADA.

Onde está o MRPP? Com quem está o MRPP?

Estão contra a organização da classe estão contra os C.R., logo, estão com quem?

entrevista

SECRETARIADO DA INTER-COMISSÕES

Continuação de pag. 5

tecnocratas e pequeno-burgueses e ainda alguns fascistas, não está preparada para poder satisfazer os interesses populares. Não há dinheiro, nada está preparado para expropriar os terrenos para a auto-construção, portanto o SAAL tal como as primeiras comissões de moradores está a acabar.

Hoje em dia a posição dos bairros de Lata é de que deve haver organização popular e muita pressão e com base nisto resolveram organizar-se para exigir muito. Nesta fase em que eles começam a organizar-se, surgem os partidos de extrema esquerda, como é o caso do MES, que procuram controlar este movimento. Simplesmente a experiência rapidamente mostra que as divergências partidárias atrasam o processo e que este movimento só poderá ir para a frente se for unitário.

Este apartidarismo existe já nas comissões de moradores de bairros da lata.

Isto verificou-se na manifes-

tação de 17 de Maio que, em Lisboa como no Porto foram manifestações unitárias, grandes manifestações de massas, que depois da grande manifestação do 7 de Fevereiro é a manifestação de expressão unitária dos trabalhadores portugueses mas ao nível dos seus problemas habitacionais.

REVOLUÇÃO: Como surgiu o Secretariado das Comissões de Moradores Ocupantes?

SPOSTA— O Secretariado é um organismo coordenador entre os plenários. Instituiu-se no primeiro plenário em Abril para assegurar a mesa do plenário, preparar as reuniões, tratar da agitação e propaganda, organizar as manifestações e coordenar a organização que essencialmente deve ser a nível local, cada comissão de moradores desenvolve o seu próprio trabalho. O Secretariado é um organismo coordenador e estimulante desse trabalho e a sua função é idêntica à da Intercomissões dos bairros de Lata e bairros pobres, e à da comissão coor-

denadora dos Bairros do Porto.

Ao nível de Lisboa está-se a verificar a unificação da Inter-comissões e do Secretariado. Passamos a ter reuniões em conjunto e a manifestação do 17 de Maio foi já realizada em conjunto. Prevê-se portanto que vai haver apenas uma coordenadora.

REVOLUÇÃO: Quais as perspectivas de formação de Conselhos Revolucionários a nível local de habitação?

RESPOSTA— Um dos princípios básicos dos Conselhos Revolucionários é o apartidarismo, o que já se verifica neste momento. Depois, há outras condições segundo as quais podemos verificar que há perspectivas de se avançar. O facto dos soldados já em algumas vezes terem colaborado na ocupação de casas, leva-nos a pensar que a aliança entre as comissões de soldados e as de ocupantes poderão levar a desenvolver o processo para a formação de Conselho Revolucionários ao nível de habitação.

OS DADOS PARA A

O TELO, OS CONSELHOS E AS ORGANIZAÇÕES ARMADAS

FABIÃO E A ANARQUIA

resposta poderia ser perigosa. E por isso que, nesta fase, se impõe que a defesa armada da revolução seja fundamentalmente atribuída às Forças Armadas. Mas, repare, não quero com isto abstrair de modo algum as iniciativas populares e das organizações progressistas.

— Já têm aparecido, nos jornais, referências a outras organizações armadas além da Juventude Centralista. Corre até um inquérito que se reporta a instalações da Torralta...

— A democracia não pode, de forma alguma, confundir-se com anarquia. Todos têm conhecimento da existência de uma lei cercando o uso de armas de guerra. Esta lei tem de ser integralmente cumprida. Desobediência é um acto de indisciplina e, como tal, será punido nos termos que essa lei especifica.

Século, 13-5-75

Entrevista concedida a Carlos Coutinho, ex-militante da ex-ARA

É EN
QUE
UNS

Uma questão, entretanto, permanecia em aberto. O Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho na aludida conferência de Imprensa referiu-se aos Conselhos Revolucionários assinalando que poderiam mesmo ser vantajosos e colaborantes, na actual conjuntura portuguesa. Ao interrogá-lo sobre este assunto tão controverso declarou-nos:

— É uma questão que já foi muito discutida e terá de voltar a ser apreciada a vários níveis. Tenho, aliás, como é sabido, ideias pessoais acerca do aproveitamento de organizações ou forças populares em casos de emergência, mas sempre para reforçar a acção do exército regular.

«A L. U. A. R., as Brigadas Revolucionárias e a A. R. A. que combateram o fascismo, que têm todo um passado de resistência e de luta constituem, inquestionavelmente, verdadeiros aliados potenciais. Alguns dirão que essas organizações estão armadas e representa mui perigo. É evidente que eu não preciso nem admito que venham, a qualquer pretexto, com armas para a rua. Se assim for ter de proceder em conformidade com a lei. Mas não posso, nem devo, entrar em litígio com esses aliados. Tenho, antes, de manter com eles uma permanente capacidade de diálogo, de recorrer a eles sempre que necessário e contar

Primeiro de Janeiro, 12-5-75

ROSA COUTINHO E UMA ORGANIZAÇÃO POPULAR ARMADA



Milícias populares em Portugal?

HAVANA, 15 — O almirante Rosa Coutinho, membro do Conselho da Revolução anunciou que está em formação uma organização popular de massas para a participação activa na revolução.

Em entrevista concedida a um grupo de jornalistas cubanos, Rosa Coutinho explicou que o povo necessita de tomar parte activa na revolução e isto não se consegue apenas através das eleições.

OS MILITARES INQUIETAM OS ESPÍRITOS... A INQUIETAÇÃO NÃO ESCOLHE PARTIDOS

“O brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho concedeu uma entrevista ao “Primeiro de Janeiro” em que publicamente se reconhece a existência de organizações populares armadas e se aceita, expressamente, a sua colaboração”. — 12/5/75

“O almirante Rosa Coutinho, membro do Conselho da Revolução, anunciou que está em formação uma organização popular de massas para a participação activa na revolução”. — 15/5/75

Estas duas notícias são — a mesma notícia? Que significa isto de uma revolução conduzida por um Movimento das Forças Armadas, com um governo legal, forças de ordem legais, leis legais, reclamar, ainda, organizações populares armadas?

Se o exército é o povo em armas, que outro povo, que outras armas?

Quantos Copcons há, e para quê?



Jornal Novo, 16-5-75

O PRP-BR E A ACTUAL SITU

Em relação à situação actual o PRP-BR conclui que o clima de agitação, que, praticamente, não tem parado desde as eleições é provocado pelo partidarismo, pelo jogo fanático dos partidos, mas as suas consequências últimas e as suas intenções primeiras de certo que dizem respeito a engrenagens montadas pelo imperialismo. Tudo se passa como se alguns partidos estivessem dispostos a dar trunfos à reacção ou a criar um clima de instabilidade; e se assim não é subjectivamente é-o pelo menos objectivamente.

A ocorrência simultânea de vários factos que decorrem de acções partidárias e a sua implicação ao nível militar levam este partido a estar extremamente preocupado com a situação e a procurar discernir os factos. A sucessão dos factos ocorridos durante os últimos dias é extremamente preocupante. Assim:

1 - Que o MRPP tenha procurado fazer a sua auto-publicidade servindo-se para isso do escândalo, do alarmismo e do truque fácil do anti-fascismo é lógico, faz parte da prática habitual desse partido. A sua prática política já antes do 25 de Abril consistia sobretudo na auto-propaganda da sigla. Agora, que o R adio Clube Português tenha lido o comunicado do MRPP, dando divulgação a factos e notícias daquela gravidade sem as confirmar, é que estranhamos.

O comportamento conjunto do RAL I, do COPCON e do E.M.G.F.A. parece-nos correcto e

revela capacidade de acção ao mesmo tempo enérgica, mas maleável, não burocrática. A Assembleia do MFA veio confirmar esta e veio reiterar o apoio ao COPCON. As manobras divisionistas não deram, portanto, resultado.

Mas o que achamos estranhos são dois pontos sobre os quais deixamos interrogações, relativamente à inicio e às conclusões do processo:

Quem é que detectou, prendeu e entregou ao MRPP o referido fascista ex-sargento fuzileiro? Essas coisas não acontecem por acaso no meio da rua. Geralmente vêm na sequência de trabalho de informação e investigação. Fica uma grande dúvida sobre esse “milagre” ocorrido em plena rua. Qual foi a mão que moveu esse peão?

Quanto às conclusões deste processo, perguntamos quais as intenções do autor das perguntas aparecidas no Diário de Notícias de 19-5-75 em “caixa”, na primeira página (sem assinatura, logo da responsabilidade da direcção, e onde se pergunta “quem governa este país” e, entre outras coisas, se acusa as personalidades militares habitualmente tão “loquazes” de nada dizerem a este respeito. Quem se procura pôr em causa? E porquê?

2-2 A intenção é transparente e concluímos pelo nosso lado que o que pesa ao autor ou autores do escrito é o conteúdo revolucionário e apartidário das palavras dos militares... loquazes, contra os quais se juntam numa Santa

ANÁLISE DA CRISE

TÃO APARECEM TAIS CDR...

OTELO VOLTA AO ATAQUE

OTELO, OS PARTIDOS E OS CONSELHOS



«Claro que, em relação ao M. R. P. P. também grande parte da violência em que vem a estar envolvido decorre do seu contencioso com o P. C. Durante a campanha eleitoral, por exemplo, eu cheguei à conclusão de que houve detenções de elementos do M. R. P. P. por elementos do P. C., que, depois, os entregavam às autoridades militares. Quando me apercebi disso, soltei-os imediatamente. E, agora, as autoridades têm ordem para prenderem o capturado se se verificar mais algum caso idêntico.»



ou transcende. Estou convicto de que realmente a dinâmica da revolução (dado que o MFA não está realmente vinculado a qualquer partido) ultrapassará os grandes partidos portugueses, sobretudo os partidos da coligação, pois o MFA como motor do processo não está vinculado a qualquer força estranha e, portanto, sente a revolução como sua, nacionalizada, nossa (como dizia o outro). Não estamos hipotecados à social democracia europeia, não estamos hipotecados a qualquer bloco imperialista, não somos culpados à ...

Qual o significado dos CDR e de que modo tais organismos assumiram validade no nosso momento histórico?

Como o seu nome indica, os Comités de Defesa da Revolução consistem, primordialmente, em organismos de massas para defesa da Revolução e de vigilância aos seus inimigos. Pensamos que algumas iniciativas do MDP/CDE, visando o interesse imediato das populações, e sua dinamização nas comissões de moradores, etc., e sua actuação, de igual modo que a do PCP, nas barragens, do 28 de Setembro e 11 de Março, e outros actos de vigilância aos inimigos da Revolução Portuguesa, apontem exactamente para organismos de massas tipo CDR. Estamos certos de que as populações dariam a sua adesão a tais iniciativas.

Século, 16-5-75

O Jornal, 16-5-75

JAÇÃO POLÍTICA

«Aliança do "Diário de Notícias", o "Jornal Novo" e o MRPP.

A luta dentro do jornal República vem na sequência das lutas de galos entre o PC e o PS que nada têm a ver com os interesses dos trabalhadores portugueses. Que a República, o PS e o Raul Rego são sociais-democratas e que o seu anti-fascismo nunca foi anti-capitalismo é uma verdade que para nós tem longa data.

Mas a amizade ou a desavença entre o PC e o PS têm servido a diversos ou enlaces entre os dois nas sucessivas eleições de 1969, 1973 e 1975, com ou sem fascismo, ao sabor das conveniências e das respectivas direcções e do contexto internacional.

Esta descoberta de última hora, em relação ao não revolucionarismo da República, corresponde portanto, mais uma vez, a fins exclusivamente partidários. E os militantes vão andando ao sabor das conveniências das cúpulas.

Porque então o que seria justo, não era pôr em causa a redacção da "República", era pôr em causa a redacção de quase todos os jornais portugueses. Porque a quase totalidade deles são jornais partidários, de disso não avisam o leitor. O assalto aos órgãos de comunicação é um escândalo que revela a terrível ambição do poder dos partidos e o maior dos desrespeitos pelo público.

Porque, ou se declara que vivemos em democracia burguesa e o que se passa com os jornais é um escândalo, ou se vive em Revolução Socialista e então os

jornais terão de estar ao serviço dos trabalhadores em geral e não mais ser, a quinta dos partidos.

O PRP-BR lembra que tendo distribuído à imprensa um comunicado sobre Angola, dando total apoio ao MPLA (no que felizmente coincidiu com a Assembleia do MFA), não o viu reproduzido em nenhum jornal, enquanto os comunicados da UDP, do MRPP e do PCP, com posições mais do que ambíguas foram longamente divulgados.

3 - Perante o partidarismo clubista que o imperialismo decerto sabe manejar superiormente, a única saída possível e a única possibilidade de vitória para o proletariado é uma estrutura que englobe a parte revolucionária do MFA e os trabalhadores, conjugando-os de forma indissociável. Para isso a alternativa revolucionária é a constituição de Conselhos Revolucionários, eleitos nas bases, logo unitários e partidários e responsáveis perante as assembleias que os elegem.

agitação ocorrida nos últimos dias e toda ela derivada de lutas partidárias lembra-nos idêntico ambiente criado pelos fins de Janeiro, antes das manobras da NATO; e remete-nos para as próximas manobras que se avizinham. É uma estranha coincidência.

O PRP-BR apela para os trabalhadores para que estejam firmes, calmos e vigilantes e não se deixem levar em manobras partidárias.

Pelo Secretariado Político



D. Notícias, 19-5-75

OTELO SARAIVA DE CARVALHO Considero que em grande parte tem razão. Os partidos políticos, mercê das circunstâncias, devidos às suas siglas e aos capitais de que podem dispor para toda uma manobra de propaganda que tem uma influência muito grande junto das massas populares, conseguindo agarrar assim o maior número de habitantes do país, ou então porque estão vinculados a determinadas forças estrangeiras e portanto têm talvez até uma questão de contratos a efectuar, não quererão de forma alguma que o plano que têm arquetado para o caso de ficarem de posse do poder seja desfeito por uma Revolução que, a certa altura os ultrapassa

EXPRESSO — Na junção do MFA com os Conselhos Revolucionários e Comissões de moradores teríamos encontrado uma forma de transformação do MFA num movimento de libertação?

OTELO SARAIVA DE CARVALHO — É uma das hipóteses que pode ser perfeitamente analisada e que cabe na tal altitude do repensar os Conselhos Revolucionários. Pode ser que estes se possam realmente inserir num conceito de globalismo com o MFA e com a totalidade do povo português para a criação, realmente, do 1.º Movimento de Libertação.

Expresso, 17-5-75

QUEM É ATACADO?

PERGUNTAS DO "D N" EM NOME DOS SEUS LEITORES

Entre vobos que já são costumados e declarações espectaculares, o fim-de-semana veio a concluir-se numa situação confusa em que entidades habitualmente loquazes se remeteram a um silêncio total e a um eclipse inesperado, com algum dano da informação e da tranquilidade pública.

Justificasse, portanto, que alinhemos aqui algumas perguntas muito simples, para as quais gostaríamos de receber respostas, senão complicadas, pelo menos completas.

1.ª — Quem tem autoridade no nosso País?

2.ª — Há poderes paralelos? Quais? Quem os reconhece e porque? Quem os encabeça?

3.ª — Pode qualquer unidade militar emitir comunicados relatando acções próprias, e servindo as instâncias superiores de meros avulistas ou confirmantes silenciosos?

4.ª — Haverá maneira de se porem de acordo, numa estratégia única, alguns homens que se encontram investidos de graves responsabilidades e que a toda a hora opinam e se contradizem?

5.ª — É possível desconectar e travar a batalha de produção de que depende a nossa sobrevivência numa atmosfera assim?

6.ª — Por quanto tempo se considera que a chamada originalidade do processo revolucionário aguentará estas acutilidades?

7.ª — Que pensam de tudo isto os trabalhadores portugueses?

FRETILIN

Conferência de Imprensa

Foi levada a efeito na Casa dos Timores uma Conferência de Imprensa pelo vice-presidente da FRETILIN - Frente Revolucionária de Timor - Leste independente, a fim de divulgar em Portugal a luta do povo de Timor.

Transcrevemos em seguida parte dessa Conferência de Imprensa: **DESENROLAR DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DE TIMOR**

"Apesar da distância que nos separa, não obstante o isolamento a que fomos votados nem por isso o marasmo e a estagnação socio-económica e política a que o colonialismo nos reduziu deixou de nos criar uma extrema dependência da antiga metrópole. Daí o facto muito compreensível de que nós tínhamos todo o interesse em acompanhar a evolução da situação em Portugal. Daí também o nosso empenho de trazer ao povo irmão português e levar aos povos irmãos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde e São Tomé e Príncipe notícias sobre a luta do nosso povo.

A madrugada de 25 de Abril de 1974 teve repercussão directa nos destinos do nosso povo. A madrugada de 25 de Abril abriu ao nosso povo um novo horizonte, um horizonte de esperança.

O aparecimento da Associação Social Democrática Timorense (ASDT) cujo primeiro aniversário celebramos amanhã e com o avanço da luta se transformou na Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (FRETILIN), tendo, como ponto básico do seu ideário a defesa intransigente do direito do nosso povo à independência marca a tese fundamental de que o processo de descolonização iniciado em Timor necessariamente deveria desembocar na independência total do nosso país. Nosso povo, através da sua história de dominação colonial, por várias vezes demonstrou a sua vontade inequívoca de se libertar. Assim temos, entre outros; os levantamentos tais como as revoltas de Camenassa em 1719, de Cová, Cotubaba e Covalima no século passado, de Manufahi em 1912, e de Uatolari em 1959. Os fracassos de todos esses levantamentos devem a várias causas, nomeadamente ao divisionismo entre os diversos reinos" e a superioridade bélica do inimigo. E a inexistência de qualquer movimento emancipalista organizado deve-se à falta de condições que permitissem a sua criação e desenvolvimento. Assim, verificadas as circunstâncias necessárias, fácil se tornou a criação da ASDT, o gérmen da FRETILIN. A FRETILIN considera-se, portanto, a continuadora de todas as tentativas emancipalistas e a materialização das mais pro-

fundas aspirações do nosso povo.

PORTUGAL — PORQUE SE FALA TÃO POUCO DE TIMOR

"O próprio modo como estão sendo levadas a cabo as conversações preliminares em Díli, nomeadamente, o silêncio que praticamente as envolve, a ausência de meios de comunicação adequados entre Timor e Lisboa de molde a permitir que os Timores em Lisboa possam acompanhar, pare e passo o processo ora em curso lá, como é seu dever e direito o remetimento ao governo local da resolução de problemas tão vitais e tão fundamentais para o destino do povo de Timor - tudo isto só vem confirmar a nossa convicção de que o processo de descolonização de Timor continua incompreensivelmente a ser minimizado."



APODETI - A REACAO EM TIMOR

"Referente à APODETI vamos definir em linhas gerais o que é ela. Para nós, um partido define-se pelos seus objectivos e pelos seus métodos. Ora de todos é conhecido que a APODETI tem como objectivo a integração de Timor na Indonésia. E vamos lá a ver como justifica esta opção e quais os métodos que visa para impôr (pois trata-se de uma autêntica imposição como veremos) os seus pontos de vista ao nosso povo. Pois bem a APODETI é um partido nitidamente colonialista, não só por ser integracionista mas também pela própria mentalidade tacanha que informa todo o seu encontramos um ponto mais ou menos deste teor: o facto de 5 séculos de colonialismo português

deve-se à grande distância que separa Portugal de Timor. ora, camaradas desta passagem se infere que para a APODETI há colonialismo bom e colonialismo mau. E o colonialismo mau seria o português. Mas, toda a verborreia do manifesto um mal contido fundo e aversão racistas a branco. Daí que na prática os apodistas façam a sua propaganda com base em slogans racistas. Distinguem a todo o momento entre pele "branca" e pele preta". A sua mentalidade e atitudes colonialistas mais se evidenciam quando chegam ao extremo de minimizar e marginalizar a cultura do nosso povo. Até se consideram já indonésios, falam alto e bom som que são indonésios, a ponto de escolherem para estandarte do partido a própria bandeira do país vizinho. Claro que as autoridades portuguesas nunca permitiram que

vale a pena continuar a ladainha. E com tal partido que o governo local se empenha, em que nos sentemos à mesa das conversações. Ao fazermos esta proposta o governo local esqueceu-se de um pormenor muito importante: é que a FRETILIN foi criada para lutar pela libertação do povo nunca para pactuar com os inimigos do povo. Onde houver uma luta a travar pela defesa do povo, a FRETILIN lá estará. E o melhor atestado da justiça da nossa linha é-nos passado pelos próprios inimigos do povo quando nos atacam.

Mas, camaradas, como poderemos nós aceitar conciliação com um partido de orientação nitidamente colonialista, sendo nós anti-colonialistas? Como poderemos nós aceitar conciliação com um partido sem nenhuma representatividade e cujos membros consideramos traidores do

dários e são irmãos uns dos outros. Mas norteiam-nos o princípio de que cada povo é autónomo na resolução dos seus problemas. O nosso povo quer a sua libertação e essa libertação passa necessariamente pela independência política, económica e cultural.

NO CAMPO DA ECONOMIA

Estando a FRETILIN entrecada na independência total do seu território há no seu programa de actuação alguma coisa referente à sua independência económica ou conseguirá sobreviver Timor independentemente do jugo capitalista de algum país?

Nós da análise concreta das nossas realidades chegamos à conclusão de que é necessário um período de transição, a ser acordado entre o governo português e a coligação até à independência total do território, precisamente para se salvaguardar a independência política e económica. Nós achamos que a independência económica deve ser interpretada como a liberdade de orientação da nossa economia. Claro que encarado o nosso problema sobre o ângulo capitalista é praticamente utópico que nós possamos viver independentes. Encarando o problema económico como nós o encaramos, achamos que poderemos sobreviver economicamente porque de facto o nosso país tem várias aptidões económicas; se até ao momento não houve desenvolvimento económico no nosso país isto deve-se ao colonialismo.

PERGUNTA: Para o desenvolvimento dessa economia até que ponto poderão contar com a cooperação das massas trabalhadoras?

RESPOSTA— O nosso princípio é contar com as nossas próprias forças, contar com as forças do povo. O nosso país é um país de camponeses, portanto o nosso programa de desenvolvimento económico baseia-se no desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Dentro desta perspectiva, nós pensamos desenvolver um processo de cooperativas de produção, de consumo e de trocas, como forma de perspectivar as massas populares nas tarefas da produção. Nós damos, portanto, prioridade ao desenvolvimento da agricultura no campo económico.

No final da conferência de Imprensa foi anunciada uma manifestação de apoio à FRETILIN, à qual aderiram várias organizações. O PRP-BR emitiu um comunicado apoiando essa iniciativa e analisando a situação em Timor.



QUE DEMOCRACIA?

Nós, soldados e trabalhadores fardados, queremos que vocês conheçam a nossa história em que fomos vítimas de uma traição e numa altura em que se fala tanto em democracia, deviam prender os nossos chefes que são fascistas e afinal fomos nós que acabámos por ser presos! Que raio de democracia é esta? Democracia para nós ou para os nossos chefes?

Se continuamos a comer comida para porcos, se continuamos a receber no fim do mês uma esmola que nem para o café dá, se continuamos a sofrer as mesmas repressões como no tempo de Marcelo Caetano, se continuamos a ser carne para canhão, se nos continuam a esconder as razões de estarmos em Angola, se somos ainda moços de recados de toda a chicalhada, se continuamos a não nos poder reunir para zelar pelos nossos interesses, se os chefes militares são os mesmos do antigo regime e são tão fascistas como o Tomás e o Caetano, será que não temos razão em nos revoltarmos para melhorar as nossas condições dentro do exército? De promessas estamos nós fartos.

DA LUTA PELO SANEAMENTO...

Foi por isso que em 12 de Fevereiro, às 3,30 da madrugada, de todos nós, soldados do Bat. de Art. 6220, aquartelados em Dingo Cabinda, decidimos sanear o comando! Saímos das casernas e dirigimo-nos à messe de oficiais, reforçámos até ao pedindo ao Comando que nos acompanhasse ao Comandante do sector de Cabinda para assim que pedimos outro comando que nos comandasse como soldados do povo e homens que somos e não como máquinas fardadas! Em seguida pedimos a 4 oficiais (2 nossos para melhor distribuir as

COMUNICADO - 26 Soldados e 4 Furriéis presos na Casa de Reclusão de Lunda

capitães e 2 alferes mil.) que nos foi negado, obrigando-nos a tomar a responsabilidade do quartel. Dirigimo-nos então, cerca de 150 homens em coluna, devidamente armados, pois que nos podia surgir algum ataque da FLEC no percurso até Cabinda, onde fomos expôr os nossos problemas e pedir novo comando.

Chegados ao sector, apresentámos através de 8 de nós os nossos problemas. Depois de sermos ouvidos pelo sr. coronel Fontão, comandante do sector de Cabinda, foi-nos dito que toda a responsabilidade do quartel assim como a sua segurança caía sobre nós. Foi-nos dito também que regressássemos ao quartel e que aguardássemos ordens. Quando lá chegámos vimos a alegria de todos os nossos camaradas ao verem que estávamos livres do comando fascista que nos reprimia.

Realizámos imediatamente uma reunião no refeitório onde esteve presente um capitão do MFA para tentar resolver as questões que haviam entre nós e os Oficiais e Sargentos que desde o princípio nunca concordaram com a nossa atitude e até a atacaram ferozmente. Por isso abandonaram o quartel, deixando-o entregue a nós soldados.

... À GESTÃO DO QUARTEL

Com o quartel entregue a nós, pelos nossos interesses, desde logo começámos a viver grandes momentos de alegria e são tão fascistas porque éramos nós próprios que como o Tomás e o Caetano, será que não temos razão em nos revoltarmos para melhorar as nossas condições dentro do exército? De promessas estamos nós fartos.

Com o quartel entregue a nós, pelos nossos interesses, desde logo começámos a viver grandes momentos de alegria e são tão fascistas porque éramos nós próprios que como o Tomás e o Caetano, será que não temos razão em nos revoltarmos para melhorar as nossas condições dentro do exército? De promessas estamos nós fartos.

tarefas entre todos. Os mecânicos continuaram a trabalhar, os enfermeiros a tratar dos doentes como até ali ainda não se tinha visto, as transmissões continuaram a trabalhar normalmente, os trabalhos de limpeza foram feitos com entusiasmo nunca visto, as rondas externas fizeram-se e até voluntários apareceram para fazer rondas aos postos durante a noite, o que nunca tinha acontecido antes!

Resumindo: chegámos à conclusão que, quando nos unimos, constituímos uma força imparável! Aprendemos a organizarmo-nos e a lutarmos pelos nossos mais legítimos interesses, correndo com os nossos opressores! Esta experiência nunca mais será esquecida por aqueles que a viveram.

BART6220 formámos na parada, desarmados e aguardámos que nos dessem alguma ordem, pois que nunca iríamos virar as nossas armas contra soldados nossos irmãos. Depois de essas forças entrarem no quartel fomos logo divididos em grupos de 25 (éramos mais de 300 soldados). Depois de divididos, 26 de nós fomos interrogados de uma maneira pidesca e levados seguidamente para a Casa de Reclusão de Lunda, onde nos encontramos presos há mais de 30 dias.

Sendo 300 soldados que fizeram o saneamento porque é que 26 de nós é que fomos e estamos presos? Certamente porque consideraram que houve cabecilhas, mas esquecem-se que havia condições materiais para que nós nos sentís-

José Monteiro, que nos dizia que não podíamos adoecer (devemos dizer que só o nosso Batalhão já tinha mais de 150 casos de peludismo devido ao clima doentio e à fraca alimentação que nos davam, principalmente) sem preenchermos um papel a dizermos que estávamos doentes. Nós não somos médicos! E o sr. major João Soares de Carvalho, que chegou a agredir alguns de nós? E o sr. tenente-coronel Rafael Guerreiro Ferreira que era o nosso comandante e que se fartou de nos fazer promessas e quando nós quisémos saber o que tinha ido fazer a Luanda, abandonou a reunião nas nossas barbas dizendo que não tinha mais nada para dizer?

Cheira-nos que afinal não



A REPRESSÃO

Mas a nossa alegria pouco tempo durou, pois que a repressão depressa se fez sentir. Ao cabo de 48 horas de alegria, unidade e responsabilidade criada por cada um de nós, o quartel foi cercado com um aparato militar que até parecia que estavam a cercar um covil de criminosos e não um quartel onde se encontravam soldados fiéis à justa luta do povo português. Esse aparato militar era composto por 2 caças Fiat, um bombardeiro, 1 companhia de comandos, 2 pelotões da PM, 3 auto-metralhadoras Panhard e 1 companhia de caçadores. Enfim, todo um aparato militar para nos atemorizar e fazer recuar na nossa justa luta.

Verificando que estávamos cercados nós, os soldados do

somos revoltados! Foi um movimento geral de soldados que sanearam o comando e não apenas 26 que o fizeram! Querem fazer crer ao povo que houve cabecilhas mas esquecem-se que os soldados não vêem onde está a diferença entre a repressão a que estavam sujeitos antes e também depois do 25 de Abril.

PERGUNTAMOS:

Será que a reacção parte dos soldados ou dos generais tipo Spínola? Porque é que são os soldados vítimas de perseguição quando os verdadeiros fascistas continuam em liberdade? Será que nós poderíamos suportar o sr. major Leiria Pires, 2.º comandante, que chegou a dizer que defendia a existência de polícias do tipo da Pide e que era o nosso principal inimigo? E o sr. capitão Manuel

somos nós os rebeldes porque já têm acontecido alguns casos idênticos em Angola. Foi com o Bat. Caç. 4911 e com a Comp.ª Caç. 4245 por exemplo. Muita confusão há no exército português! Nós pensamos que o mal todo está na chicalhada que à nossa custa faz prédios, ganha 20 vezes mais do que nós, trata-nos como cães e dá-nos merda para comer! Toda a gente sabe que os sargentos chicos se orientam em grande à custa da nossa comida!

Queremos que os soldados, aí em Portugal, saibam o que se está a passar! Queremos uma autêntica justiça que nos liberte e prenda esses bandidos que engordam como porcos enquanto nós vamos caindo doentes de fracos que estamos. Porquê a chicalhada não come o que nós comemos também? Nós não temos uma boca igual à deles?

Lunda, Cabinda, 30 de Março de 1975.

INTERNACIONAL

PERU: PARA QUE SERVEM OS MILITARES?

A Federação Nacional de Trabalhadores Mineiros e Metalúrgicos do Peru, que agrupa cerca de 25.000 operários - a terça parte da força de trabalho requerida pela actividade mineira - conduziu em fins de Dezembro passado, uma greve geral de 48 horas, à qual se seguiu outra, esta por tempo indeterminado.

O proletariado exige o pagamento de salários atrasados, melhores condições de trabalho nos jazigos e nas unidades transformadoras de mineral, e amnistia para Ricardo Dias Chaves, consultor jurídico da organização que foi deportado para o México há 14 meses, desde que a Junta Militar que governa o país, o acusara de "frustrar" a solução para uma greve decretada anteriormente pela Federação. Na realidade, Dias Chaves, que sempre defendeu posições progressistas, tinha defendido vários dirigentes e activistas sindicais detidos pelo governo e denunciado o sistema de trabalho existente nas minas, tanto nas

nacionalizadas como nas que são propriedade de empresas imperialistas, nas quais os operários são vítimas duma feroz exploração. Essa sua atitude referida por alguns órgãos de imprensa (que na altura não estavam directamente controlados pelo Estado, como acontece agora) valeu a Dias Chaves, a prisão e posterior expulsão do país, na medida em que foi contestada pelos mineiros com paragens de trabalho e manifestações, e que continua hoje a ser uma sua bandeira de luta.

Cada vez mais o proletariado dá mostras crescentes da sua decisão de combater, na defesa dos seus interesses, o "anti-imperialismo" dos militares peruanos que tem assumido novas e significativas facetas. Nos primeiros dias de Dezembro uma empresa japonesa iniciou o desembarque da primeira parte da tubagem de prefação destinada à exploração de petróleo na região da selva sub-oriental, perto das fronteiras da Bolívia e do Brasil.



Esta operação faz parte duma série de concessões feitas pelo governo a grandes empresas japonesas nas quais o capital norte-americano tem uma participação elevada para a extracção de petróleo e a construção de, olidoctu que unirá a parte oriental do Peru com as refinarias instaladas na costa.

O Japão concedeu à Junta Militar um empréstimo de 330 milhões de dólares para financiar esses trabalhos, com a condição de que em

caso de controversia entre o governo peruano e as empresas, isso deveria ser discutido nos tribunais japoneses.

O colégio de Advogados de Lima protestou dizendo que os contratos assinados eram inconstitucionais e lesivos da soberania. A resposta governamental foi fechar uma revista que tinha dado informações sobre o problema, o que teve uma ampla repercussão popular, e a expulsão do país dos responsáveis e a prisão de numerosos advogados.

A letra e espírito dos contratos, segundo a denúncia feita, não diferem em nada dos que a Junta Militar anulou em 1968, quando levou a cabo a expropriação da I.P.C. e promulgou uma série de reformas com as quais tentou "dar-se" uma imagem "nacionalista" e "anti-imperialista", o que foi desde logo refutado pelos sectores mais avançados da classe operária e do povo peruano, e calorosamente aplaudido pelos reformistas, os populistas e a burguesia de todo o continente.

Mas o caso do empréstimo facilitado pelo imperialismo japonês empalidece face a outras "iniciativas revolucionárias" dos militares peruanos. O diário "La Opinion", da Argentina, confirma que "o governo peruano, assegurou o financiamento de empresários privados norte-americanos - 620 milhões de dólares - para pôr em marcha o projecto de exploração dos jazigos cupríferos de Cuajone, empreendimento mineiro que conta com reservas estimadas em 468 milhões de toneladas".

A maior entrada de capital pertence à Southern Perú Cooper Corporation ("entidade que PATROCINA o projecto Cuajone"), revela "La Opinion" com 216 milhões de dólares sendo o resto coberto por 54 organizações financeiras de 20 países diferentes, "tantas quanto a Southern interessou na operação". Os equipamentos necessários serão fornecidos pelos Estados Unidos e pela G. Bretanha.

A Southern Cooper não é mais do que a Southern Mining Company, proprietária do terceiro complexo mineiro do Peru, e cujos interesses a Junta militar não

tocou, contrariamente ao que aconteceu, por exemplo, com a d. Cerro de Pasco. Neste último caso o governo nacionalizou as minas mas deixou as refinarias em poder das empresas yankees. Como por acaso dentro do complexo mineiro é nas refinarias que se conseguem os lucros mais avultados.

Disposto a "nacionalizar", o regime comandado por Velasco Alvarado parecia ajustar-se a um curioso mecanismo: as firmas e empresas imperialistas afectadas por essa política, fazem todos os esforços imagináveis para serem "nacionalizadas". "El Cronista Comercial", na edição de 3 de Janeiro, reproduz um despacho emanado de Lima, no qual se refere que "um alto elemento da firma americana Marcona Mining Co. declarou que este importante complexo mineiro - situado a 330 km ao sul da capital - será cem por cento peruano em 1975. O superintendente geral da empresa, Ladislao Prazak, assinalou que a Marcona Mining Co. tinha já oferecido a venda de todas as suas instalações ao governo peruano. Os trabalhadores receberam a notícia com aplausos".

Há poucos dias o ministro da Energia e Minas, general Fernandez Maldonado, apressou-se a assinalar que o complexo de Marcona seria nacionalizado "de todos os modos", assim que o governo "Estude o contrato de transferência que foi apresentado pela citada companhia".

Dentro do quadro destas negociações, o recente protesto do governo peruano ante o governo dos E.U.A. acerca do pagamento de uma indemnização de 20 milhões de dólares à IPC, enquadrá-se numa campanha propagandística pela qual se pretende recuperar terreno uma vez que a imagem anti-imperialista se vinha deteriorando. A Junta Militar acordou com os yankees o pagamento de 76 milhões de dólares de indemnização pela "nacionalização" de várias empresas; segundo o governo peruano, tinha ficado estabelecido que a IPC não estaria incluída nesta soma, mas, que Washington resolveu conceder-lhe pelas suas perdas, 20 milhões de dólares, o que provocou a reacção dos militares.

Por tudo isto, Enrique Zileri Gibson, director da revista "Caretas", foi parar à prisão por informar na sua publicação que o governo peruano tinha perdoado as dívidas que a IPC tinha para com o estado, pois durante vários anos iludiu o pagamento de impostos e falsificou documentação referente a vendas e lucros obtidos.

ACTUALIDADE

INTERNACIONAL

• Teng hsiao-Ping um dos vice-primeiros ministros chineses e considerado como o número três do C. Central do Partido Comunista Chinês, no decorrer de uma visita de seis dias a França afirma que considera inevitável o confronto com a União Soviética e que qualquer coisa que se opusesse aos soviéticos, inclusiv a NATO, era boa.

Apoiou também a C.E.E. (Mercado Comum, como elemento tampão entre as duas super-potências).

• A tensão no País Basco re-crudesce: no decorrer duma operação policial contra guerrilheiros da ETA é morto um tenente da Guarda Civil e mais três pessoas.

• A Assembleia Nacional Francesa suspendeu a sua sessão durante duas horas, como protesto contra a decisão de Giscard D'Estaing de não querer comemorar a vitória sobre a Alemanha nazi.

• Em França o número de desempregados atingiu no mês de Abril quase 800.000 (797.700).

• A Junta militar chilena anunciou ter libertado nos últimos 6 meses 2744 presos políticos, os quais andonaram o país. Entretanto continuam detidas 3811 pessoas.

• Kaunda, presidente da Zâmbia advertiu o Primeiro-Ministro do regime ultra-racista da Rodésia a ceder a reivindicações para a formação de um governo de maioria negra ou "Salisbury cairia como Saigão ou Phnom Penh".

• O Zaire desmetiu que um ministro seu tenha ido, em Abril último, conferenciar com membros do governo Sul-Africano, à Cidade do Cabo.

• A residência da embaixador dos Estados Unidos em Buenos Aires (Argentina) foi atacada e metralhada, tendo ficado tendo o polícia que se encontrava de guarda ao edifício.

• No seguimento da prisão de oito militares espanhóis no Saara Espanhol, são destruídos três helicópteros espanhóis e encerradas as fronteiras com Marrocos.

• Durante estes últimos dias a situação clarificou-se na Indochina: após a vitória das forças progressistas no Camboja e no Vietnam, eis que as forças direitistas do Governo de Coligação do Laos (e respectivos apoios militares) são obrigadas a demitirem-se ficando, deste modo, o Pathet Lao (Frente Patriótica do Laos) com o comando das operações.

• Apesar de mais esta derrota, desta feita no Laos, o imperialismo americano actuou como se sabe a propósito do incidente desencadeado em torno do cargueiro Mayaguez, o qual transportava armas de HONG Kong para a Tailândia, país laçao do imperialismo americano.

Este cargueiro americano, que foi tomado pelas forças do Camboja em virtude de se encontrar em águas territoriais deste país, foi retomado pelos Estados Unidos através de uma operação aero-naval, na qual utilizaram mais de um milhão de "marines" e se serviram de bases situadas na Tailândia, país vizinho do Camboja.

Apesar desta clara violação do espaço naval, aéreo e terrestre dum povo que há bem poucos dias havia escorraçado os "yankees" de Phnom Pehn, Ford e Kissinger mostraram-se satafeitos com o resultado das operações que, segundo eles, viviam suspender a onda de ataques, afrontas e abusos a que os Estados Unidos têm sido sujeitos nas últimas semanas.

Com esta atitude verdadeiramente bárbara, os Estados Unidos querem, por um lado experimentar a capacidade defensiva de um jovem Estado recentemente libertado e, por outro lado, manter as suas bases militares na Tailândia, as quais constituem um perigo permanente para os povos da região (particularmente Vietnam e Camboja).

RESPOSTA AO NÚCLEO DO «SÉCULO» DO P. S.

O núcleo do "Século" do P. S. serve-se, abusiva e tendenciosamente do artigo publicado no "Revolução" n.º 38, com o título "Ainda as Eleições", para justificar um ataque ao PCP, que domina aquele órgão da imprensa burguesa.

Toda esta acção se insere na luta travada entre os Partidos — reformistas ou não — para controlarem e atrelarem a classe operária aos seus interesses partidários, na luta que travam pela conquista do Poder.

Na falta de uma perspectiva correcta da realidade nacional, nos aspectos político, económico e social, e na falta de uma opção revolucionária de classe, os Reformistas e Reaccionários de todos os matizes, socorrem-se da imprensa Revolucionária, para cozinharem a seu belo-prazer análises, que lhes não pertencem e que seria impossível pertencer-lhes, por toda a sua actividade estar voltada para a luta partidária, e não para a organização; orientada no sentido da tomada do poder pela classe.

Se a cegueira sectária de certos partidos e movimentos, que se dizem representantes ou vanguarda do proletariado, os leva a tomarem posições contra-revolucionárias, alinhando com o

inimigo de classe (apresente-se ele com as vestes "democráticas" ou "marxistas" que se apresentar), o caso não é aplicável ao PRP-BR, que recusa todo o tipo de aliança de classe e qualquer unidade, que não seja a construída nas bases, independentemente de partidos ou de quaisquer outros organismos.

O núcleo do P. S., ao servir-se da análise que o PRP-BR faz do resultado eleitoral do PCP ignora (?) deliberadamente o mesmo tipo de considerações, que são feitas ao P. S. Se o núcleo do P. S. do "Século" leu tão atentamente o "Revolução", não lhe deve ter passado despercebida a análise aparecida na página 7. O PRP-BR, por intermédio do seu porta-voz "Revolução", lembra aos atentos "socialistas", o que foi escrito a respeito da vitória eleitoral do seu partido:

Votos da direita, por sentido de classe da burguesia, que vota na saída que lhe parece viável.

Implantação na pequena e média-burguesia, por defender os seus interesses de classe.

"Garantia" de estabilização. Confusão entre o nome "Partido Socialista" e o Socialismo.

Fraça implantação do P. C. P. a nível nacional e desilusão de uma parte do operariado em relação a

este partido, sem que encontre por outro lado uma alternativa revolucionária.

Estes dados seriam suficientes para demonstrar que o PRP-BR não ataca o PCP para fazer jeito ao P. S. o que objectivamente seria uma traição à classe. Se os militantes do núcleo do P. S. do "Século" tivessem uma opção revolucionária de classe, veriam que as críticas são feitas a dois níveis muito diferentes:

O P. C. P. é criticado por ser um partido revisionista, autoritário e reformista, mas que ainda pertence, de certo modo, à classe, o P. S. é um agrupamento de arrivistas contra-revolucionários, um partido da Burguesia, um produto da Social-Democracia, imperialista e reaccionária.

Senhores do P. S.: o Marxismo tem servido para toda a casta de traições à causa do proletariado, quando a Burguesia se serve abusivamente da sua doutrina. A Social-Democracia, não passa de uma forma mais subtil da exploração capitalista, e não esqueçamos o P. S. pertence à Internacional Amarela de Social-Democratas e Socialistas "Democráticos". Gostaríamos que os militantes do núcleo do P. S. tivessem lido com o mesmo interesse, outros artigos publicados pelo

"Revolução" e que se intitulam: servirem à sua emancipação. Que "Vota P. S. — Vota Contra-essas propostas sejam aproveitadas -Revolução" (página 5) e "A pela Burguesia, para servirem os Social-Democracia na rua" (página seus interesses políticos, é uma atitude que o PRP-BR repudia veemente.

O PRP-BR tem através das suas análises e prática revolucionária, apresentado propostas à classe, que têm sido aceites e postas em prática, por serem correctas e

Abaixo a Social-Democracia Viva a Ditadura do Proletariado A redacção do "Revolução"

Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15
ALGÉS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CARNIDE — Rua Neves Costa, 47

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"
Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 152

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espergueira — Tel. 22558

VISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

ALMADA — R. Trindade Coelho — Cacilhas
(a abrir brevemente)

Correia Jesuino a Nato e os Açores

Continuação da pág. 5

Atlântica", p acto de defesa do capitalismo e do imperialismo?

E a propósito de NATO e imperialismo, vem mesmo a calhar outra declaração do senhor ministro — a de negociar a base dos

Açores. O imperialismo, a reacção, ataca pelos elos mais fracos: já atacou miseravelmente em Angola e atacará decerto profundamente (já o começou a fazer) nos Açores. Nestas ilhas domina ainda uma

mentalidade tacanha e retrógrada, à semelhança de certas regiões do interior do país. Por outro lado, há as grandes ligações com a América do Norte, por via da emigração, do turismo, da base americana das Lages, do dinheiro americano.

Nos Açores, a par de uma pequena burguesia social-democrática (farisaica), há uma burguesia extremamente reaccionária que, ontem com o salazarismo e o marcelismo, se dizia portuguesa, nacionalista, patriótica, mas que hoje, com o avançar do processo revolucionário em Portugal, fala da necessidade de independência (para a burguesia açoreana, claro!), quanto a nós, que bem conhecemos os Açores, só poderia resultar, na prática, em subordinação ao imperialismo americano. Os Açores são, efectivamente, um sítio privilegiado para a instalação de bases e para turistas gozarem, um bocado à semelhança do que se passava com Cuba.

Para um país como o nosso, em que a batalha da independência nacional é uma das principais a travar neste momento, a presença de bases estrangeiras em território nacional ou a manutenção de Portugal em pactos agressivos do imperialismo são um poderoso obstáculo a essa mesma independência.

PERU:

Continuação da pág. 13

O NACIONALISMO BURGUES

Todos estes factos mostram os verdadeiros interesses do regime militar peruano e a sua intenção declarada de promover a expansão do modo de produção capitalista através de reformas (a agrária principalmente) que procuram ampliar o mercado interno e conseguir uma maior procura de bens e produtos.

Essa política favorece necessariamente a médio ou a longo prazo os planos de dominação imperialista, uma vez que se baseia na grande concentração de capitais para a exploração intensiva dos recursos do país e numa utilização "racional" da força de trabalho, o que significa na realidade a sobre-exploração dos operários.

Os choques da Junta Militar com o imperialismo que existiram efectivamente e que provavelmente se continuarão a produzir em determinadas áreas e sectores da actividade produtiva, não são mais

do que a manifestação das contradições secundárias existentes entre a burguesia peruana e o grande capital monopolista estrangeiro em torno da divisão da mais valia arrancada ao proletariado. No entanto o projecto de desenvolvimento capitalista fomentado pelos militares da forma como começa agora a definir-se, com maior nitidez, através desses contratos e empréstimos de empresas e organismos financeiros internacionais, vai consolidando os laços de dependência com o imperialismo no seu conjunto.

A utopia do nacionalismo burguês conduz inexoravelmente a este fim; só a revolução operária e popular garantirá a libertação da exploração e opressão imperialistas, e o efectivo avanço para o progresso e bem estar de toda a sociedade.

Correspondente de "El Combatiente" - órgão do PRT da Argentina

Dom Seg Ter Qua Sex Sáb

A SEMANA

TERÇA-FEIRA, DIA 13

- São nacionalizados os cimentos, os tabacos e a celulose.
- Congelam-se até ao fim do ano os vencimentos superiores a 12 000\$00 e é fixada a remuneração máxima mensal de 35 000\$00.
- Spínola assiste a uma missa, celebrada no Rio de Janeiro, por iniciativa de brasileiros e portugueses "democratas" anti-comunistas. Entre os "democratas" presentes contavam-se o golpista e agente do imperialismo, Carlos Lacerda, o ex-presidente fascista Médiçi, o ex-chefe da D.O.P.S., a PIDE brasileira e outros reaccionários, ligados ao G.A.P. (Grupo de Acção Patriótica), organização fascista, brasileira.

QUARTA-FEIRA, DIA 14

- O Conselho da Revolução aceita o pedido de demissão do cargo de Chefe do Estado Maior da Força Aérea, do General Mendes Dias, assim como do Comandante da 1.ª Região Aérea, Pinho Freire. Desconhecem-se concretamente as razões que levaram à demissão, mas foi comunicado que foi por haver deficiências na actuação, no dia 11 de Março.

No entanto, o Conselho da Revolução, a que pertenciam aqueles dois generais, reitera a sua total confiança naqueles militares, no processo revolucionário em curso.

- Chegam a Portugal centenas de refugiados de Angola que, através das suas declarações, concluímos que serão mais umas centenas de contra-revolucionários a engrossarem as fileiras da reacção. Em todos se nota a mentalidade colonialista e reaccionária, e a aversão ao único e verdadeiro representante do povo angolano: o MPLA.

Em todos transparecia a mística fascista da "Angola nossa" e alguns só admitiam o regresso a Angola, se Savimbi fosse o presidente.

- Foram postos em liberdade o Ten. Coronel Almeida Bruno e

Casanova Ferreira, implicados no golpe reaccionário do 11 de Março.

QUINTA-FEIRA, DIA 15

- Em entrevista à ANI o alferes Soares, da Comissão Dinamizadora do M.F.A., fez diversas declarações, de que destacamos:

"Mais importante do que votar neste ou naquele partido será para este povo, ver a sua estrada feita, ter a sua co-operativa em funcionamento, ver as suas condições de vida melhoradas. Muito mais do que julgar os partidos à priori através das suas afirmações, será a sua efectiva mobilização e capacidade, assim como os objectivos altamente unitários e patrióticos que irão defini-los. Ai é que se vai ver, realmente, quem tem força para aglutinar e para levar as pessoas a organizarem-se em torno desses objectivos, e quem a não tem, e se isso corresponde, ou não, à percentagem de votos que obtiveram".

Que pensaram destas declarações os partidos eleitoralistas, que se auto-proclamam do "maior partido dos trabalhadores" ou "vanguarda do proletariado"?

- Em entrevista concedida a um grupo de jornalistas cubanos, o Almirante Rosa Coutinho, anunciou que está em formação uma organização popular de massas para a participação activa na revolução. Explicou que o povo necessita de tomar parte activa na revolução e isto não se consegue apenas por eleições. Classificou o Conselho da Revolução, a aliança MFA-Povo, as Comissões de trabalhadores e a espontaneidade popular como pilares da Revolução.

Por não ser muito claro, surgem-nos algumas dúvidas: a "organização popular das massas" significará Conselhos Revolucionários ou o tal Partido Socialista Revolucionário? A espontaneidade popular inclui as greves e as ocupações de casas e campos? Se a resposta é afirmativa, porque é que certas greves (as não controladas por certos partidos ou organizações) são condenadas e sabotadas? Porque se permite a saída do decreto-lei anti-

popular n.º 198 A-75 sobre as ocupações?

- São tomadas emergências pelo governo de Transição de Angola para obstar aos recontros sangrentos, que opõem entre si os movimentos de independência de Angola, e que têm provocado milhares de vítimas.

SEXTA-FEIRA, DIA 16

Entrevistado pela France Press, o dirigente do MPLA, Lúcio Lara acusa os reaccionários de reactivarem as lutas entre o MPLA e a FNLA. Respondendo à acusação de o MPLA ter armado a população civil, Lúcio Lara disse: "É falso. Existem, efectivamente populações armadas, mas já o estavam em Julho de 1974, para poderem resistir às agressões dum certo parte reaccionária da população branca". Mais adiante Lúcio Lara diz que só poderá processar-se o desarmamento das formações de auto-defesa, quando houver a certeza que os reaccionários brancos sejam igualmente desarmados.

- Melo Antunes, no regresso de Luanda, referindo-se à existência de elementos da PIDE em Angola, disse que a presença desses elementos "era uma ofensa para o povo angolano". Para quando a sua expulsão?

- Manifestação de apoio ao MPLA, convocada pelo C.I.D.A.C., Casa dos Estudantes das Colónias e pela Associação dos Deficientes das Forças Armadas. A manifestação teve o apoio de organizações nacionais, das colónias estrangeiras. Destacamos a presença do PAIGC, FRELIMO e FRETILIN, da Junta de Coordenação Revolucionária e F.L.N. do Vietnam. O PRP-BR esteve representado, assim como os Conselhos Revolucionários.

Foi mais uma jornada de internacionalismo proletário, de solidariedade para com os povos, que lutam pela independência nacional contra o imperialismo, o colonialismo e o neo-colonialismo.

- Os pescadores de Peniche, voltam ao mar, após uma greve que durava desde o dia 20 de Março.

- Trabalhadores desempregados ocupam terras em Montargil (Alentejo) pertencentes à família Fernandes, intimamente ligada à PIDE e L.P.

SÁBADO, DIA 17

- Grandiosa manifestação, de repúdio ao decreto-lei 198 A-75, que condena as ocupações de casas e permitindo a expulsão dos actuais ocupantes e prisão para os futuros ocupantes.

A manifestação foi convocada pela Inter-Comissões de Bairros de Lata e Bairros Pobres, Comissões

de Ocupantes e de Moradores de Lisboa e Arredores, e terminou com um comício junto à Assembleia Nacional.

- Otelo Saraiva de Carvalho em extensa entrevista concedida ao "Expresso", fez declarações, cuja importância destacamos. Depois de se referir às contradições no seio do M.F.A., pela existência de oficiais progressistas e conservadores, faz uma comparação do que poderá vir a ser o MFA e o que é actualmente a FRELIMO. Debruça-se depois, sob o papel revisionista dos Partidos, acentuando o alicionamento dos spinolistas, pelo Partido Socialista, facção que entrou em choque com os outros oficiais, tomando posições contra-revolucionárias.

Referindo-se às células do povo português, debateu-se a existência de comissões de Moradores e dos Conselhos Revolucionários, tendo o Brigadeiro Otelo considerado que os C.R.T.S.M. "poderão ser um extraordinário impulsor do próprio MFA, no sentido de garantir o apoio das massas trabalhadoras e dos elementos militares já perfeitamente consciencializados dessa Revolução".

- Em Conferência de Imprensa concedida pelo PCP-ml, o seu secretário geral, Eduino Vilar, disse a dado momento que o PCP(ml) continuaria a apoiar a burguesia liberal e as liberdades democráticas, como meio de combater os dois imperialismos.

Insera-se esta atitude, no apoio que a China dá as estruturas militar-capitalista da Europa Ocidental, como nos casos da NATO, e Mercado Comum.

- O prof. Santos Oliveira, ex-secretário-geral adjunto do PPD, demitiu-se invocando divergências ideológicas. afirmou ter evoluído a sua existência e tentativas de ideologicamente e considerar que, monopolizarem para si as classes neste momento, em Portugal, a exploradoras.

Como também afirmamos que a social-democracia não resolve os problemas, e como estamos convencidos que o prof. Santos Oliveira não aponta soluções re-

levantadas por aquele grupo, representando a pequena burguesia que mascara as suas frustrações com palavras revolucionárias e acções arruaceiras, não passa de representando daquilo a que os teóricos já chamaram "de doença infantil do comunismo".

- O COPCON acusa o MRPP de tentar deliberadamente atacar e dividir o MFA.

De facto as acções desenvolvidas por aquele grupo, representando a pequena burguesia que mascara as suas frustrações com palavras revolucionárias e acções arruaceiras, não passa de representando daquilo a que os teóricos já chamaram "de doença infantil do comunismo".

- As rivalidades partidárias levam ao confronto entre os trabalhadores da República e a respectiva direcção exigindo-se a demissão de elementos afectos ao PS.

- Da análise política do MFA acerca da conjuntura política actual: "Utilizar resultados eleitorais sem os enquadrar numa Revolução significa que não se pretende alcançar o Socialismo".

- Segundo notícia do jornal brasileiro "Folha de São Paulo" nota-se "excessiva movimentação" no hotel de Spínola, dizendo que o ex-general "dá sinais cada vez maiores da sua vinculação a uma suposta resistência ao actual governo português".

- O Ministro Correia Jesuino, após o seu regresso dos E.U.A. declarou que "Pelo facto de estarmos comprometidos com um determinado bloco, o Ocidente, vamos continuar com a nossa

política externa, continuar na NATO, que é um dos braços armados do imperialismo americano. Este comprometimento terá de acabar, se é que estamos decididos a fazer a revolução socialista e a lutar pela verdadeira independência nacional. A este propósito, citamos uma notícia publicada no "Times of Zâmbia" "Portugal deve encontrar o seu lugar entre os países revolucionários do Terceiro Mundo e não no Ocidente e na NATO".

SEGUNDA-FEIRA, DIA 19

- Os delegados do MFA, reunidos em Assembleia Geral, apreciaram a actual situação política, tirando conclusões sobre alguns pontos prementes:

Sobre Angola concluiu-se que "a ofensiva da reacção e de grupos esquerdistas provocatórios que se verifica neste momento em Portugal, visa em primeiro lugar desviar as atenções das autoridades revolucionárias portuguesas do que acontece em Angola".

A Assembleia considerou que "O MFA deve intensificar as suas ligações directas com todas as estruturas de participação popular em fase de arranque, como forma de consolidação da aliança Povo-MFA e da superação das divisões partidárias na luta comum para a batalha da produção e da efectiva construção do socialismo e da sua defesa revolucionária".

Ficam, pois, avisados todos os partidos políticos, os fascizantes, os reformistas e os pseudo-revolucionários, que a luta pelo socialismo não se compadece com ideologias. afirmou ter evoluído a sua existência e tentativas de ideologicamente e considerar que, monopolizarem para si as classes neste momento, em Portugal, a exploradoras.

- O COPCON acusa o MRPP de tentar deliberadamente atacar e dividir o MFA.

De facto as acções desenvolvidas por aquele grupo, representando a pequena burguesia que mascara as suas frustrações com palavras revolucionárias e acções arruaceiras, não passa de representando daquilo a que os teóricos já chamaram "de doença infantil do comunismo".

- As rivalidades partidárias levam ao confronto entre os trabalhadores da República e a respectiva direcção exigindo-se a demissão de elementos afectos ao PS.

- Da análise política do MFA acerca da conjuntura política actual: "Utilizar resultados eleitorais sem os enquadrar numa Revolução significa que não se pretende alcançar o Socialismo".

- Segundo notícia do jornal brasileiro "Folha de São Paulo" nota-se "excessiva movimentação" no hotel de Spínola, dizendo que o ex-general "dá sinais cada vez maiores da sua vinculação a uma suposta resistência ao actual governo português".

Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª — Trav. Condessa do Rio, 7-9 /// Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

EDITORIAL

O início da semana começou a tornar mais clara a situação complicada do final da semana. Podemos dizer que várias forças estão interessadas na degradação da situação; várias forças que assim poderão aparecer como salvadoras, quando o barco estiver meio naufragado.

Quem se interessa assim por manobrar a vida deste país é certo que não está do lado dos trabalhadores, vista-se de que roupagens se vestir. E verifica-se que várias estratégias se entrecruzam neste país, das quais se pode dizer, pelo menos o seguinte — são estranhas. E dizê-lo com a mesma repulsa com que ao longo da história a população deste país o disse a todos os invasores, que significaram sempre opressão.

A esta opressão, que significa tornar dependentes outros países, opomos o internacionalismo proletário, que é a solidariedade, a ajuda, a cooperação e coordenação revolucionária dos proletários de todos os países contra a burguesia e contra o imperialismo, que nos une a Angola e que nos faz apoiar incondicionalmente o MPLA, enquanto alguns partidos, tão divergentes nas suas outras táticas se assemelham escandalosamente na sua higiénica hipocrisia a respeito da situação em Angola. Aí também são várias que comandam.

Em Portugal a agitação criada desde as eleições é uma agitação pensada.

O MRPP, o locutor da R.C.P. que leu o comunicado deste partido, os insultos às F.A. e ao COPCON, e ao COPCON, e sobretudo evidentes referências a conhecidos militares por quem são movidos?

Quem está interessado em desacreditar o COPCON? Ou então quantos estão interessados em desacreditar o COPCON?

A isso não são estranhas decerto as palavras de Otelo e Rosa Coutinho que passam por cima dos partidos e se afirmam com os trabalhadores. A quem doem essas verdades? A todos aqueles de variadas tendências para quem o partido é primordial e a organização autónoma dos trabalhadores é secundária. Aqueles que voltaram as costas aos trabalhadores.

O mesmo se reflecte ao nível da informação. A República era social-democrata e manipulada pelo PS. E certo. Mas os outros todos (ou quase) por quem são? São partidários com todas as letras. O que se passa ao nível da informação é a mesma luta desenfreada pelo controlo partidário. Com perfeito desrespeito pelos trabalhadores e a informação a que têm direito.

Está tudo para rever neste país. A Revolução Socialista está por fazer, mas há que fazê-la agora, tendo como principal objectivo a tomada do poder pelos trabalhadores. Única possibilidade de vencer, também, a batalha da produção (e não com policiamentos).

A única solução possível sob forma orgânica são os Conselhos Revolucionários eleitos em Assembleia e revogáveis. Em estreita colaboração com os revolucionários do MFA. E a propósito: o que é isso dos CDR (Conselhos de Defesa da Revolução) que apareceram por milagre (nas páginas do Século, inspirados ao que diz o articulista pelo PC e MDP/CDE) algumas semanas depois do nascimento dos Conselhos Revolucionários?

Alcântara - Rua X

Pessoas há, que chamam de Revolução Socialista o actual processo que estamos a viver. Quanto a nós isto de Revolução Socialista nada tem. Efectivamente, não é carne nem peixe.

Revolução Socialista? No entanto as injustiças sociais, continuam a surgir e de que maneira.

As ocupações de casas que são efectivamente um acto revolucionário surgem na boca de delicados senhores, como contra-revolucionários.

Perguntamos: Contra-revolucionários são aqueles que ocupam casas desabitadas, procurando a sua melhor comunidade, ou aqueles que? proibem essas mesmas ocupações, consentindo que existam locais de habitação ao ABANDONO?

ALCÂNTARA - RUA X, um acto revolucionário repimido por um aparato policial, que é mais uma prova das fascizantes estruturas da P.S.P..

Conta-nos o ocupante... Se quis uma casa tive que a assaltar, e agora não sei se vou para a rua. Eu vivia numa casa sem condições nenhuma. Aquilo era mais um buraco que outra coisa. Nem dependências tinha para os meus dois filhos dormirem, e eles já são crescidos e de sexo diferente.

REVOLUÇÃO - Assalto a casa!

OCUPANTE - Concretamente não a assaltei, ocupei-a, porque ela

estava vazia. A história é um pouco amarga. E que desde há quinze anos que vivia nessa casa a minha mãe, com uma tia minha. Acontece, que a minha tia faleceu há cerca de quatro anos. Pagava então a minha mãe quatrocentos secudos de renda por mês. Posteriormente a isso, o senhorio fez umas pequenas obras na casa, a pretexto das quais resolveu aumentar a renda para oitocentos escudos. Há cerca de quatro meses à minha mãe foi abordada pelo sujeito em questão que lhe disse que se ela quisesse continuar na casa teria de passar a pagar quatro mil escudos por mês, e para além do mais tiravalhe o quintal, e outras regalias. Ora ela é uma viúva, tem apenas o meu auxílio que é mínimo, porque eu sou um operário, não sou nenhum buguês. A minha mãe não podia pagar nem tinha para onde ir, por isso deixou-se ficar em casa. Chegou porem a altura em que a administração do bairro foi lá com a polícia (cerca de trinta polícias) para desalojarem a minha mãe. Encontraram então uma oposição: a minha mulher. Mas ela nada pode fazer.

A polícia entrou em casa e fez o despejo: Três deles, tiraram a minha filha da cama, onde ela estava em convalescença com 40 graus de febre. É triste contar isto. Outros polícias levaram a minha mulher para a esquadra do Calvário, aí deram-lhe um comprimido e mandaram-na para o hospital de

São José. É que minha mulher sofre de epilepsia.

A noite quando cheguei a casa vi à porta alguns "tarecos". Outros já tinham sido levados numa camioneta da Câmara para a Abegaria, onde depois ainda tive que pagar para as levantar.

Fui ao quartel da zona e lá não quiseram saber de nada. Depois fui ao COPCON e então a questão comessou a tomar caminho, graças também à comissão de moradores.

No dia seguinte, a minha mulher saltou o muro e com um martelo destruiu as trancas arrombou a porta e ocupou a casa. Logo após, apareceu à porta um policia que pretendia apenas o nome dela e que lhe disse que aquilo gerava um problema de ordem de despejo.

Desde então até agora ainda não fui intimado acerca da questão por quais quer entidades.

Já fui falar com o senhorio por causa do arrendamento mas ele tem-se esquivado sempre, não sei se por acaso anda por trás de tudo isto algum truque.

Ocupei a casa e estou a habitá-la. Não faria isso se tivesse uma habitação digna pois não queria de modo algum tirar a casa a outras pessoas que dela necessitassem.

REVOLUÇÃO - Saiu em Abril uma lei que proibe a ocupação de casas. Acha-a justa?

OCUPANTE - De modo algum. Apelo para as pessoas que não têm casas, que vivem em barracas, que ocupem as casas desabitadas. Faça-se a vontade popular.

"REVOLUÇÃO" - UM ANO DE PUBLICAÇÃO

No dia 1 de Junho faz um ano de publicação o jornal "Revolução". Porta-voz dum Partido que vive pelos seus próprios meios, "Revolução" tem saído semanalmente durante um ano graças à militância da sua redacção e à camaradagem dos camaradas trabalhadores da Tipografia Mirandela.

Mas para sobreviver, "Revolução" necessita da solidariedade dos seus leitores e amigos. Apelamos para a solidariedade activa através de dinheiro.

Resolvemos também que todos aqueles que fizerem uma assinatura ate ao fim de Junho receberão uma colecção completa como oferta.

O número comemorativo deste ano, trará um "poster" no interior.



...o clima de agitação, que praticamente não tem parado desde as eleições é provocado pelo partidarismo, pelo jogo fanático dos partidos, mas as suas consequências últimas e as suas intenções primeiras de certo que dizem respeito a engranagens montadas pelo imperialismo...

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME

MORADA

LOCALIDADE

PROFISSÃO

LOCAL DE TRABALHO

ASSINATURA: Semestral - 85\$00
Anual - 170\$00

PAGAMENTO: Em cheque
Em Vale